

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

FERNANDA KIYOME FATORI TREVIZAN

**MIGRAÇÃO, REDES E INSERÇÃO CULTURAL: ESTUDO DE CASO DOS
MIGRANTES NORDESTINOS EM ANASTÁCIO (MS)**

PONTA GROSSA

2011

FERNANDA KIYOME FATORI TREVIZAN

MIGRAÇÃO, REDES E INSERÇÃO CULTURAL: ESTUDO DE CASO DOS
MIGRANTES NORDESTINOS EM ANASTÁCIO (MS)

Dissertação de Mestrado apresentada para obtenção do título de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky.

PONTA GROSSA

2011

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor Tratamento da Informação BICEN/UEPG

	Trevizan, Fernanda Kiyome Fatori
T814m	Migração, redes e inserção cultural : estudo de caso dos migrantes nordestinos em Anastácio (MS) / Fernanda Kiyome Fatori Trevizan. Ponta Grossa, 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Geografia - Gestão do Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky 1. Cultura. 2. Redes sociais. 3.Migração e território. I.Monastirsky, Leonel Brizolla. II. T.
	CDD : 325.1

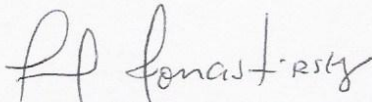
TERMO DE APROVAÇÃO

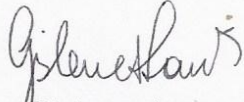
FERNANDA KIYOME FATORI TREVIZAN

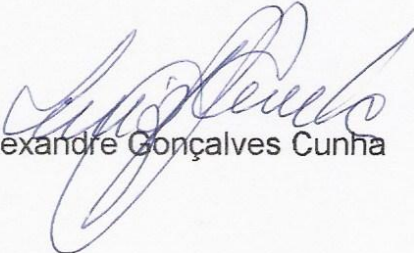
MIGRAÇÃO, REDES E INSERÇÃO CULTURAL: ESTUDO DE CASO DOS MIGRANTES NORDESTINOS EM ANASTÁCIO (MS).

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:


Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky
UEPG


Profa. Dra. Gislene Aparecida dos Santos
UFPR


Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha
UEPG

Ponta Grossa, 31 de março de 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram com esse trabalho. Algumas em especial:

- Minha família (pai, mãe, irmã, irmãos e “ermão”), pelo auxílio e apoio incondicional;
- Meu orientador Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky, pela parceria nesses anos de mestrado em diversas atividades na UEPG, no “café” e nas conversas (sobre a pesquisa e/ou não, afinal de contas, nem só de “redes e migração” vive o mundo...!);
- A Capes, pelos 24 meses de bolsa!!!!
- Os poucos amigos de Ponta Grossa, pelas conversas insanas, momento de guerra, momentos de paz, festas e bagunças...
- Os amigos da vida toda, que mesmo longe deram apoio o tempo todo: Li, Deco e Rick.
- Agradeço a Deus, pela oportunidade de mais essa conquista! E é claro, por tudo!

Enfim, a todos que me ajudaram, incentivaram, apoiaram, discordaram, atrapalharam e atormentaram, agradeço a vocês por tudo, afinal, chegamos lá.

EPÍGRAFE

*Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.
(...) Quando vim da minha terra
não vim, perdi-me no espaço
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.*

*(“A ilusão do migrante”,
Carlos Drummond de Andrade)*

RESUMO

As sociedades estão cada vez mais multiculturais, o fato se deve principalmente, aos movimentos migratórios entre cidades, regiões e países. Os fluxos de deslocamento das pessoas, muitas vezes, ocorrem em razão da existência de redes sociais entre as localidades envolvidas no processo migratório, pois estas redes estabelecem a conexão entre os pontos e viabiliza os fluxos das pessoas. Ao migrarem para outros locais, as pessoas levam consigo suas características culturais (hábitos, costumes, tradições, manifestações) que passam a influenciar na localidade em que se estabelecem, possibilitando o surgimento de um “território seu” em outro, a partir de suas manifestações culturais. A partir da análise através das redes sociais, este trabalho apresenta o estudo de caso dos migrantes nordestinos em Anastácio (MS), onde estabeleceram suas conexões para migração e inseriram sua cultura que, mesmo com a miscigenação com as culturas locais, tornou-se a maior expressão cultural da localidade.

Palavras-chave: cultura, redes sociais, migração e território.

ABSTRACT

Societies are increasingly multicultural; the fact is due mainly to migration between cities, regions and countries. The patterns of displacement of people often occur cause to the existence of social networks between the cities involved in the migration process, as these networks establish the connection between the points and facilitates the flow of people. To migrate to other places, people carry with them their cultural characteristics (habits, customs, traditions, events) that pass to enter the location where they are established, enabling the emergence of a "his territory" on the other, from its manifestations cultural. Using the analysis through social networks, this paper presents a case study of northeastern migrants *Anastácio* (MS), where they established their connections to migration and inserted their culture that, even with the mixing with the local cultures, became the higher expression of cultural location.

Key-words: culture, social networks, migration and territory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Localização do município de Anastácio	15
Figura 02. Cozinheiro de comitiva de passagem por Anastácio	22
Figura 03. Anastácio Rodeio <i>Festival</i> 2009	23
Figura 04. Descendência dos entrevistados	27
Figura 05. Comércio tipicamente nordestino em Anastácio (Av. Manoel Murtinho)	28
Figura 06. Exposição nordestina – Casa de Cultura	29
Figura 07. Municípios de Anastácio e Aquidauana – divisão pelo rio Aquidauana	55
Figura 08. Exposição permanente de utensílios encontrados em fazendas do Pantanal	57
Figura 09. Estação do trem do Pantanal com telefone público “Tuiuiú”	58
Figura 10. Escultura em homenagem aos indígenas Terena (Aquidauana, MS)	60
Figura 11. Vicente Anastácio e família	76
Figura 12. Avenida Porto Geral (início da formação de Anastácio)	77
Figura 13. Balsa atracada no Porto Geral (Margem Esquerda)	77
Figura 14. José Cândia – primeiro proprietário da Casa Cândia	78
Figura 15. Homem pantaneiro	81
Figura 16. Artesanato Terena	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Dicotomia entre território e rede	42
Quadro 02. Tipologia das redes de migração	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Motivações para migração do Nordeste	52
Tabela 02. Motivações: migração da região Nordeste para a região Centro-Oeste	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 01. ANASTÁCIO (MS): SOCIEDADE E PRESENÇA NORDESTINA	
O município	13
Formação social de Anastácio	17
Percepções culturais	19
Percepções culturais em Anastácio	20
Presença nordestina em Anastácio	26
CAPÍTULO 02. CULTURA, TERRITÓRIO E REDES	
Cultura: sociedade e identidade cultural	30
Território e territorialidades	34
As redes sociais e as migrações	40
CAPÍTULO 03. MIGRAÇÕES NO BRASIL E A MIGRAÇÃO NORDESTINA PARA ANASTÁCIO	
Migração interna no Brasil	48
Migração nordestina no Brasil	51
Manifestações culturais em Anastácio e Aquidauana	54
Migrantes nordestinos em Anastácio	61
As territorialidades nordestinas em Anastácio	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	

Apêndice 01. Histórico de Anastácio (MS)	76
Apêndice 02. Habitantes do Pantanal: homens pantaneiros e indígenas	80
Apêndice 03. A Festa da Farinha de Anastácio	84
Apêndice 04. Pesquisa quantitativa com a população de Aquidauana (MS)	86
Apêndice 05. Pesquisa quantitativa com a população anastaciana	89
Apêndice 06. Entrevistas com os migrantes nordestinos e/ou descendentes diretos	104
REFERÊNCIAS (APÊNDICES)	109

INTRODUÇÃO

As migrações fazem parte da história das sociedades, garantindo a miscigenação entre os povos, tanto em aspectos populacionais quanto sociais e culturais. Os deslocamentos populacionais deixaram de ser estudados exclusivamente pela Geografia e passaram a serem objetos de análise das ciências sociais, e essa interdisciplinaridade proporciona uma melhor e a mais ampla compreensão sobre o tema.

Os conceitos utilizados para embasar os estudos relacionados à migração nordestina para Anastácio (MS), proposta dessa dissertação, são aqueles que tratam sobre as redes, o território e a cultura. Muitas migrações ocorrem em razão da formação de redes sociais, pois elas são responsáveis por estabelecer a conexão entre as localidades de origem e de destino, tanto do ponto de vista das relações sociais quanto do fluxo migratório.

Os territórios possuem raízes e identidades, pois os grupos devem ser compreendidos por meio de seus territórios (SOUZA, 2001) e também por ser considerado como o resultado das relações que se estabelecem entre a sociedade e o espaço ao qual estão fixados. Quando ocorre a migração, os territórios tendem a se miscigenarem, dando origem a territórios compostos por multiterritorialidades (compreendam-se aqui as territorialidades como características ou aspectos que identificam as sociedades).

Os territórios estão, em muito, relacionados com as culturas, pois as culturas são consideradas como representações das sociedades e, conseqüentemente, dos territórios. O território é um “espaço geográfico” que podem também ser analisado pelas relações sociais que nele se engendram e a configuração cultural que conseqüentemente proporciona. A cultura, portanto, é vista como um fator de diferenciação entre as sociedades, ainda que as sociedades estejam cada vez mais multiculturais, ou seja, compostas por diferentes e diversas culturas.

Um dos fatores que contribuem para o multiculturalismo dentro das sociedades são os movimentos migratórios, sejam internos ou estrangeiros. No Brasil, as migrações internas são, em muito, motivadas pela busca de uma qualidade de vida melhor, como é o caso amplamente conhecido dos migrantes nordestinos. A região Nordeste, entre as regiões brasileiras, é a que historicamente mais concede migrantes para as demais regiões, em virtude da associação da produção capitalista e dos aspectos geográficos (especialmente pelos fatores

climáticos que a população enfrenta – seca – e pelos fatores sociais relacionados à produção e distribuição de renda).

Um dos fluxos de migração dos nordestinos é aquele direcionado para o Estado do Mato Grosso do Sul, especialmente para o município de Anastácio, onde sua presença é expressiva tanto pelo volume populacional quanto pelas manifestações culturais na sociedade local. Assim, este estudo buscou apresentar e analisar a presença nordestina em Anastácio através da compreensão do processo migratório, tendo como ponto de partida as manifestações culturais e o entendimento do mecanismo que se estabelece entre o território e as redes sociais.

O estudo de caso está apresentado em três partes. A primeira delas apresenta o município de Anastácio e as características econômicas, sociais e culturais de sua sociedade e os processos migratórios dos nordestinos (ainda que tenha havido também outros migrantes, como os gaúchos - segunda migração mais expressiva em quantidade - e os migrantes europeus - considerados os fundadores do município). Na segunda parte, é apresentada uma breve discussão teórica acerca dos temas e conceitos relativos à cultura, as redes sociais e ao território, relacionando-os com a migração. Na última parte do trabalho, as migrações são o foco, onde há uma breve explanação sobre as migrações internas no Brasil, tal como as migrações nordestinas, abrangendo as características culturais nordestinas presentes em Anastácio e o reconhecimento das mesmas por parte da população local e dos próprios migrantes.

É válido ressaltar que o município de Anastácio, por sua localização geográfica, apresenta as culturas pantaneiras e indígenas como sendo as culturas locais mais antigas e que participam do dialético processo de aculturação com a cultura dos migrantes nordestinos. A manifestação cultural nordestina na localidade é observada através da Festa da Farinha de Anastácio, que é considerada por muitos (população local e migrantes) como a maior expressão cultural do município (em geral, pois afirmam que o “Anastácio é todo nordestino”) e como a representação que possibilita a identificação dos migrantes nordestinos na localidade.

Capítulo 01

ANASTÁCIO (MS): SOCIEDADE E PRESENÇA NORDESTINA

Este capítulo é dedicado à apresentação do município de Anastácio, a fim de caracterizar aspectos como a formação sócio-cultural do município, relacionando a formação populacional com as possíveis inserções culturais presentes na sociedade anastaciana. O município constitui-se de inúmeras inserções culturais através de seus migrantes, e, para compreender os seus fluxos migratórios é necessário conhecer a localidade.

A população local é principal fonte de dados para esta pesquisa, uma vez que, dados primordiais para o desenvolvimento da mesma foram obtidos através da análise de entrevistas qualitativas realizadas com residentes da área urbana do município. Durante as entrevistas, foi utilizada a metodologia qualitativa, com tópico guia de entrevista, composto por questões objetivas e abertas (sujeitas a respostas múltiplas).

O município¹

Anastácio surgiu por volta de 1871 e foi considerado, a princípio, como um bairro do município de Aquidauana (localizado na margem direita do rio Aquidauana), se tornado um dos centros de abastecimento da região sul do Estado do Mato Grosso do Sul e desenvolveu-se devido ao porto que estava localizado na margem esquerda; conheceu o declínio a partir da vinda da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que instalou seus trilhos na margem direita, fazendo com que o porto não fosse mais necessário para o recebimento e o envio das mercadorias.

A partir da instalação das ferrovias no município de Aquidauana (criando-se em torno da ferrovia um núcleo habitacional urbano maior e mais desenvolvido) iniciou-se na margem esquerda um movimento para a emancipação de Anastácio – Movimento de Independência da Margem Esquerda (MIME) – que visava unicamente à emancipação sem fins políticos; luta esta acirrada com a criação do distrito de Paz da Margem Esquerda (Lei nº

¹ Histórico completo do município de Anastácio, ver apêndice 01.

1.164 de 20 de Novembro de 1958); sendo elevado à categoria de município em 18 de Março de 1964 (Lei estadual nº 2.143) e instalado em 1º de Janeiro de 1965 (VALÉRIO, 2002; CABRAL et al, 2003).

O município possui área de 2 954 60 km², sendo que a maior parte de sua área total é ocupada por propriedades rurais, localizado na região centro-oeste do Estado de Mato Grosso do Sul e possui população aproximada de 23.012 habitantes de acordo com o censo IBGE 2008. Sua área rural é constituída por propriedades particulares (sítios e fazendas) e três assentamentos (Monjolinho, Marcos Freire e São Manoel). Em relação à economia, a pecuária destaca-se principalmente na criação bovina de corte, em razão da existência de um frigorífico na cidade. A produção agrícola do município se restringe na maioria dos casos em produções de subsistência (principalmente nas áreas dos assentamentos), mas alguns produtos são vendidos no comércio local. Dentre os produtos cultivados, estão o milho, arroz de sequeiro, banana, laranja e mandioca, que possui grande expressividade no comércio local, através da venda do produto *in natura* e/ou seus derivados, como a farinha de mandioca e o polvilho (SILVA et al, 2005/2006).

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ANASTÁCIO - MS

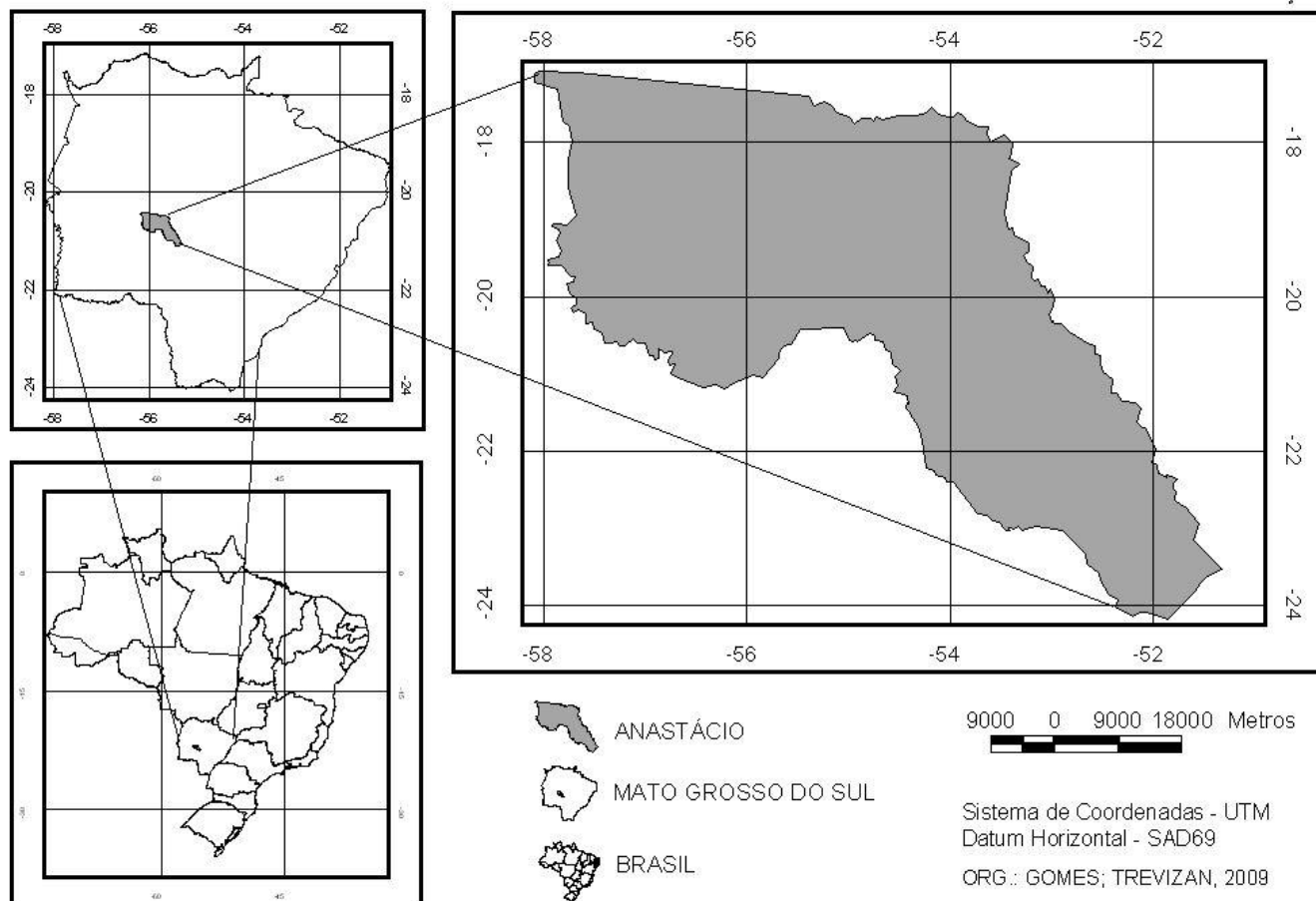


Figura 01: Localização do município de Anastácio (MS)

Org.: GOMES e TREVIZAN, 2009.

A população do município é formada através da miscigenação étnica, entre os grupos tidos como originais da localidade (indígenas Terena e pantaneiros²) e os migrantes, dentre os quais podem ser citados migrantes italianos, japoneses, paraguaios, bolivianos, alemães; e os originários das regiões brasileiras – gaúchos, paulistas, mineiros e, principalmente, os nordestinos.

Considerando que cada povo migrante possui características próprias de suas regiões de origem, o município recebe diversas influências, que contribuem para a formação da identidade cultural, acrescentando a identidade os processos dialéticos entre os territórios de origem dos fluxos migratórios e do município, onde se estabeleceram.

Relacionada com as migrações e inserções culturais, pode ser estabelecido um paradoxo com a formação das cidades, uma vez que as cidades são o resultado das representações inseridas juntamente com os movimentos migratórios. Segundo Miranda, D. (2000),

O espaço urbano é cada vez mais o espaço da cultura, o lugar onde florescem, desabrocham e fermentam as idéias contemporâneas, os valores de modernidade, a inovação e a criação, porque a cidade congrega, une e reúne, influencia, multiplica, combina e potencializa as várias sensibilidades e talentos (MIRANDA, D., 2000, p.108).

Os municípios brasileiros são formados pela inserção de novas características em suas sociedades, através dos migrantes que nelas se estabeleceram (ou se estabelecem, visto que este é um processo contínuo). As diferentes manifestações culturais encontradas em diversas regiões do Brasil apresentam-se como uma forma de perceber as influências que as localidades sofreram ao longo dos tempos, sendo que estas são, muitas vezes, oriundas dos movimentos multiterritoriais, uma vez que as influências não ocorrem somente durante seu processo de formação, mas trata-se de um movimento constante, presente e contínuo nas dinâmicas de formação e também nas atuais nos municípios brasileiros.

² Ver apêndice 02.

Formação social de Anastácio

O município de Anastácio não foge a esta lógica de formação contínua, pois apresenta em sua população migrantes de diversas localidades, e, dessa forma, compõe a relação dialética entre o local e o global (as particularidades do local e as influências do exterior, do global), o que pode ser visto como uma característica da dita “homogeneização cultural³”. Os processos dialéticos que se inserem nas localidades que apresentam movimentos migratórios em sua formação são compreendidos por meio das dinâmicas dos territórios e a dialética entre o local e o global.

A dinâmica dos territórios consiste nas formas em que a mesma cultura se apresenta em diferentes territórios, considerando os processos de influências que esta estará sujeita (aculturação, cultura dominante e cultura dominada, globalização) e a análise desta dinâmica nos mostra as diferentes culturas que podem originar uma cultura diversificada, mas que estará em processo contínuo de aculturação. A dialética entre as ordens local e global⁴ são vistas como uma situação com duas características geneticamente opostas, por mais que uma faça referência à outra (SANTOS, 2005).

Anastácio possui a sua população diversificada devido aos fluxos de deslocamentos, migrantes e imigrantes, que recebeu durante sua formação e, conseqüentemente, contribuíram não somente com a constituição de sua população, mas também com a formação de sua cultura e identidade. Entre os povos exógenos a Anastácio, os migrantes nordestinos destacam-se não somente em quantidade, mas também em expressão cultural e social na cidade – é a migração mais expressiva, tanto quantitativamente quanto qualitativamente.

³ A “homogeneização cultural” apresentada corresponde às tensões que se formam entre as esferas locais e globais, uma vez que o global tende a homogeneizar as identidades e o local surge como uma forma de resistência a essa homogeneização, fazendo com que as identidades e culturas locais se reforcem (ROCHA e MONASTIRSKY, 2008).

⁴ Segundo Santos (2005) “a ordem global é desterritorializada, no sentido de que separa o centro da ação da sede da ação. Seu espaço é moveído e inconstante, é formado por pontos, cuja existência funcional é dependente de fatores externos. A ordem local, que reterritorializa, é a do espaço banal, espaço irreduzível, porque reúne numa mesma lógica interna todos os seus elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas, e formas geográficas. O cotidiano imediato, localmente vivido, traço de união de todos esses dados, é a garantia da comunicação” (p.170).

Dentre as diferentes migrações brasileiras recentes para o município, a gaúcha e a nordestina (especialmente pernambucana) destacam-se das demais, sendo ressaltadas por outros pesquisadores da história de Anastácio. Valério (2002) no livro *Breve História de Anastácio* ressalta as duas. Sobre a migração gaúcha, o autor afirma que

Do que se apurou, até agora, podemos concluir que houve uma participação considerável da família gaúcha na formação dos nossos núcleos populacionais. Seja pelos filhos daquele Estado ou através de sua descendência. Os gaúchos chegaram ao Estado de Mato Grosso, usando, geralmente, como meio de transporte, o carro de bois, ou carreta. Levaram meses na travessia.

Os gaúchos nos legaram alguns de seus hábitos e costumes. O chimarrão, bem-cedinho (*sic*) e à tardinha. O xote, o vanerão, a trova-desafio, na música. O churrasco e outras iguarias, na culinária. A laçada, o campeão, a doma, as corridas de cavalos (*carreiradas*) (VALÉRIO, 2002 p.p. 43-44)⁵.

Valério (2002) e Robba (2006) destacam os migrantes nordestinos que chegaram à região no início dos anos de 1920. Os nordestinos, em maioria, pernambucanos, se estabeleceram na área rural do município, formando assim as colônias rurais nordestinas, nas quais os descendentes e migrantes ainda vivem e onde desenvolveram e fixaram a sua cultura, seus costumes e hábitos. Sobre os migrantes nordestinos, Valério afirma

Foram os nordestinos (*pernambucanos*⁶) que trouxeram, para a Margem Esquerda e região, boa parte de nossa culinária. A farinha de mandioca, a tapioca, o beiju, o bolo de massa puba, a rapadura, o melado, a buchada de bode, o cuzcuz de milho zarolho, o jabá, o sarapatel de porco, a cabidela de sangue de galinha, o mungunzá (canjica), a pamonha de milho verde, o pirão, entre outros.

Muitas famílias, ainda, conservam, em suas propriedades, algumas engenhocas de fabricação desses produtos. [...] O forró, o baião, o arrasta-pé, o xaxado, o repente, a vaquejada, o folguedo bumba-meu-boi são ritmos e brincadeiras que enriquecem nosso folclore, herança dessa migração que muito se adaptou às condições do nosso cerrado (VALÉRIO, 2002, p.p. 61-63).

⁵ O autor era morador do município de Anastácio, por isso, nesta citação é possível notar a sua inclusão na narrativa. Com relação ao grifo em “carreiradas”, trata-se de um grifo do autor.

⁶ Grifo do autor.

As características culturais nordestinas são perceptíveis na sociedade anastaciana, pois, por meio de entrevistas com a população⁷, é possível identificar as presenças culturais, ou seja, o município possui uma sociedade multicultural e, conseqüentemente, uma identidade cultural fragmentada em diferentes características que se unem e originam a identidade cultural de Anastácio. Na sociedade miscigenada e culturalmente fragmentada de Anastácio, as características culturais nordestinas e suas manifestações (provenientes da migração dos nordestinos) são as mais expressivas na localidade.

Percepções culturais

As manifestações culturais que são encontradas nas regiões do Brasil apresentam-se como resultado de influências de outras culturas ao longo do tempo, sendo que estas são oriundas dos movimentos multiterritoriais (dentre eles, a migração e a formação dos territórios-redes), uma vez que as influências não se concentram apenas durante o seu processo de formação, mas sim, por se tratarem de movimentos constantes, nas dinâmicas de formações dos municípios e regiões.

As percepções culturais ocorrem através da observação das pessoas, do cidadão, uma vez que as manifestações acontecem no cotidiano de cada uma delas. No caso da sociedade de Anastácio, a população local identificou e relatou as suas características multiculturais através das pesquisas que indagaram sobre os hábitos, trejeitos e modos de falar demonstrados por indivíduos ou grupos que residem na localidade. Uma vez que as diferentes manifestações são observadas, podem ser caracterizadas como percepções culturais, tanto da forma como são percebidas por pessoas externas à realidade local, como também pela população local.

⁷ Pesquisa completa apresentada no apêndice 04.

Percepções culturais em Anastácio-MS

Os migrantes de Anastácio ao saírem de suas localidades de origem trouxeram consigo as características de sua sociedade e, ao se estabelecerem, introduziram seus traços nessa nova sociedade.

No tocante aos traços culturais, essas inserções podem ser vistas, a princípio, como uma dominação cultural – em que a cultura inserida se tornaria a dominante e poderia sobrepor-se a cultura local (tida, neste caso, como dominada), fazendo com que a local se perca. Todavia, observa-se que a cultura exógena não substitui a autóctone, ao contrário, existe claramente um processo de aculturação entre ambas.

Trata-se de aculturação quando duas culturas distintas ou parecidas são absorvidas uma pela outra formando uma nova cultura diferente. Além disso, aculturação pode ser também a absorção de uma cultura pela outra, onde essa nova cultura terá aspectos da cultura inicial e da cultura absorvida (CUCHE, 2002).

Com a crescente globalização a aculturação vem se tornando um dos aspectos fundamentais nas sociedades, pela proximidade a grandes culturas e rapidez de comunicação entre os diferentes países do mundo cada cultura está perdendo sua identificação cultural e social aderindo em parte a outras culturas. Entretanto, a aculturação não tira totalmente a identidade social de um povo, crendo-se que talvez no futuro não exista mais uma diferença cultural tão acentuada como a aquela que até hoje ainda se observa entre alguns países.

Em Anastácio, atualmente, podem ser observadas manifestações culturais, tidas como as locais, as culturas indígena e pantaneira. A presença indígena acontece com a aldeia urbana localizada na cidade e também com os eventos realizados pela escola indígena que auxiliam para a manutenção da cultura dos índios na localidade. Já as manifestações pantaneiras (figura 02; figura 03) podem ser observadas tanto nos eventos (rodeios e festas) como nas próprias pessoas que circulam pela cidade (modo de falar, de vestir, de agir, entre outros). Com relação às manifestações religiosas locais poder-se observar nos eventos (Festa

de Santo Antonio – Festa Julina⁸), além das celebrações tradicionais como Corpus Christi, Paixão de Cristo, entre outras (não somente da Igreja Católica, mas também das demais religiões presentes na cidade).

⁸ A Festa Julina também pode ser considerada como uma manifestação pantaneira visto que é semelhante a uma festa junina ou arraia, com características “caipiras”. Todavia, pode ser comparada a uma festa gaúcha e ao mesmo tempo com uma festividade nordestina, pois as quadrilhas são símbolos no Nordeste.



Figura 02: Cozinheiro de comitiva de passagem por Anastácio

Autor: FATORI, 2010.



Figura 03: Anastácio Rodeio Festival 2009

Autor: MORO, 2009.

Foi diagnosticada, durante a pesquisa de campo realizada em 2009, a presença de descendentes de bolivianos e paraguaios (que se deve ao fato de o Estado de Mato Grosso do Sul manter fronteiras com os dois países) como também de descendentes de italianos, japoneses⁹, alemães, espanhóis, portugueses. Sobre os migrantes brasileiros, foram encontradas pessoas de diferentes estados como mato-grossenses, paulistas, gaúchos, pernambucanos, baianos, cearenses, alagoanos, entre outros (figura 04¹⁰).

⁹ As manifestações dos descendentes japoneses que residem em Anastácio estão diretamente relacionadas com as que ocorrem na cidade de Aquidauana, devido à proximidade dos municípios e também ao fato da associação japonesa (ACENBA) ter sua sede localizada em Aquidauana; que conta com sócios nas duas cidades e a participação de ambas as populações nos eventos promovidos pela associação.

¹⁰ Não são representados aqueles que disseram ser anastacianos e os migrantes nordestinos somente as pessoas que foram entrevistadas e afirmaram ter descendências de diferentes regiões e países. A parcela das pessoas que disseram não ter nenhuma descendência e/ou não souberam dizer se tem alguma descendência está sendo representada pela opção “sem resposta”. A opção de descendência “nordestinos” representa aqueles que apenas afirmaram ter descendência proveniente da região Nordeste, sem especificar qual Estado de origem da descendência.

DESCENDÊNCIAS DOS ENTREVISTADOS



OUTRAS DESCENDÊNCIAS

Alemães - 2%	Nordestinos - 6%
Bolivianos - 2%	Outras - 2%
Indígenas - 11%	Paraguaios - 2%
Japoneses - 5%	Portugueses - 2%
Negros - 2%	Sem resposta - 13%

FONTE: Pesquisa de campo, dez. 2009.
ORG.: TREVIZAN, 2010.

Figura 04: Descendência dos entrevistados

Fonte: Pesquisa de campo, 2009

ORG.: TREVIZAN, 2010

Dentre os povos migrantes, observou-se que os migrantes provenientes da região Nordeste realmente são os que mais se destacam com relação às expressões culturais encontradas na cidade e também com relação ao fluxo de migrações e quantidade de migrantes e descendentes. Tal fato pôde ser constatado durante as entrevistas, pois alguns entrevistados afirmaram que “em Anastácio tem muito pernambucano (*sic*)” (entrevista, 2009). A presença dos migrantes nordestinos na sociedade anastaciana também é notada no Poder Público municipal, onde cinco das nove secretarias são administradas por nordestinos ou descendentes; além do prefeito municipal, que é descendente de migrantes nordestinos. No setor da educação pública, as três maiores escolas estaduais em atividade, têm diretores de descendência nordestina (José Barbosa, 2009 – pesquisa de campo).

Presença nordestina em Anastácio

Existem diferentes formas de perceber a presença nordestina na cidade de Anastácio; uma dessas trata-se das expressões culturais da localidade, uma vez que uma parcela significativa de autóctones afirma conhecer algum hábito cultural nordestino; entre gastronomia, musicalidade, danças, tradições, modo de falar, entre outras.

Nesse momento deve-se compreender a cultura como sendo um fator de diferenciação das populações ou das pessoas presentes em uma mesma localidade, que nos remete aos modos de vida e de pensamento, compreendendo a cultura como formas de manifestações que devem ser encaradas de acordo com o período e a sociedade em que estão sendo analisadas (CUCHE, 2002). Em Anastácio, a presença cultural nordestina se destacou mais expressivamente a partir do ano de 2006, com a realização da Festa da Farinha de Anastácio, que destaca a cultura nordestina (através da divulgação da gastronomia, modos de vida, modos de produção, músicas, entre outros).

O evento “Festa da Farinha de Anastácio” foi criado com o intuito de promover o município associado à presença nordestina, por meio da gastronomia e das atrações culturais (shows). Uma das principais motivações do evento (difundir a cultura nordestina através da

gastronomia) pode ser considerada como alcançada, uma vez que entre os hábitos culturais nordestinos, conhecidos pela população anastaciana, são os hábitos alimentícios os que foram adquiridos com mais propriedade ao longo dos tempos. Outro hábito cultural notável, bastante apontada nas pesquisas, é o relacionado com a língua, com o modo de falar.

O modo de falar dos migrantes nordestinos em Anastácio os diferencia culturalmente da população local, no entanto, “os diferentes modos de falar não constituem barreira ao entendimento entre as pessoas, e não há, sob esse aspecto, reivindicações identitárias particularizantes” (MIRANDA, A. 2000), uma vez que os migrantes já se consideram inseridos na localidade permanentemente; e que a população autóctone, por sua vez, os reconhece como sendo parte integrante e fixa da sociedade anastaciana.

Outra característica nordestina notada em Anastácio está presente no comércio local, localizados principalmente na área central da cidade. A Casa da Cultura de Anastácio possui uma mostra permanente de artefatos nordestinos que são comercializados na cidade. Grande parte desse artesanato é produzida nas colônias pernambucanas, localizadas na zona rural do município, e não se resume a objetos apenas, mas também a literatura de cordel escrita por repentistas e escritores locais (figura 06).



Figura 05: comércio tipicamente nordestino em Anastácio (Av. Manoel Murtinho)

Autor: TREVIZAN, L., 2011.



Figura 06: exposição nordestina – Casa de Cultura.

Autor: TREVIZAN, L., 2011.

Capítulo 02

CULTURA, TERRITÓRIO E REDES

Esse capítulo aborda as principais discussões teóricas acerca de conceitos utilizados para a compreensão do processo migratório – cultura, redes sociais e território -, enquanto um fenômeno social, que altera as dinâmicas territoriais por meio do estabelecimento das redes sociais.

Cultura: sociedade e identidade cultural

É no ambiente urbano que as diferenças culturais podem ser mais bem observadas, pois é o local onde as relações e interações ocorrem com mais intensidade, com as trocas e aproximações entre as mais variadas manifestações culturais. As cidades também são vistas como “lugares nodais do desenvolvimento da cultura”, além de representar uma característica específica de ser considerada como o local do “confronto entre culturas heterogêneas (*sic*)”, ou seja, historicamente falando as cidades são considerados como incubadoras de grandes transformações culturais – espaços onde as transformações sócio-culturais acontecem através de processos de “reorientação dos valores e comportamentos” de uma sociedade (MELA, 1999). As cidades, como apresentadas anteriormente, são compostas por inúmeras representações culturais e sociais, nas quais podem ser identificadas as características dos povos que se estabeleceram nelas ao longo de sua formação, caracterizando uma identidade cultural multifacetada e miscigenada que a identifica e a diferencia das demais; dessa forma

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante as suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é uma herança transmitida de uma geração a outra (CLAVALL, 2007, p.63).

A cultura abrange os valores criados pela humanidade ao longo da construção de sua

história (SODRÉ, 1996; CLAVAL, 2007), dessa forma, sendo vista como à soma das características encontradas em dada localidade, como sendo as representações e manifestações dessas características; e através dela são transmitidos e difundidos os conhecimentos, crenças, costumes e tradições de uma comunidade, pois a cultura está intrínseca aos seres humanos que vivem em sociedade, que são tidos como além de componentes das sociedades, também como agentes transformadores da cultura (CUCHE, 2002).

Cuche (2002) propõe que nas sociedades atuais ocorre o processo da aculturação, onde há a aproximação de culturas distintas. Como resultado dessa aproximação, pode ocorrer a união (com o surgimento de uma nova cultura miscigenada) ou o afastamento, estabelecendo uma clara distinção entre essas culturas que se encontram em um mesmo espaço. Como o processo de aculturação nas sociedades é contínuo, é possível observar que a diversidade cultural se tornou uma importante e marcante característica das sociedades atuais.

A diversidade cultural emerge nas sociedades acompanhada e, em maior ou menor conta, da preocupação acerca da preservação das diferentes culturas que existem em uma mesma localidade, dessa forma, segundo Ioris (2007), surgiram correntes, como a matriz universalista que “defendem a necessidade de atentarmos para as especificidades culturais dos agrupamentos humanos concretamente situados, e que, (...) ainda carecem de uma resolução conceitual plenamente satisfatória por parte de ambos lados em disputa” (IORIS, 2007 p.29), que são caracterizados pelas diversas culturas presentes em uma mesma localidade. O autor afirma ser necessário que nas sociedades haja arranjos políticos que permitam “perceber e respeitar a pluralidade das identidades – individual e coletiva – dos distintos grupos postos em contato em vários níveis” (IORIS, 2007 p.30) dentro de uma realidade multicultural; dessa forma, a dita sobrevivência cultural deve estar fundamentada na capacidade de adaptação de cada grupo sociocultural frente as transformações e desafios característicos das sociedades.

A partir da perspectiva de uma realidade multicultural, Ioris (2007) afirma que a diversidade de culturas em uma mesma localidade é explícita e uma temática crescente nas sociedades, mas sem discussões que sejam suficientes para a compreensão desta. De acordo com o autor,

múltiplas culturas e grupos auto-identificados como distintos, que, portanto, têm se constituído, de maneira crescente, como atores políticos mobilizados. Porém, apesar de a questão da existência de sociedades multiculturais ser um tema crescente nos debates políticos dos dias de hoje, formulações precisas tratando da questão multicultural são ainda insuficientes, especialmente dado o fato de que o próprio termo multiculturalismo tem sido usado tanto para se referir a uma postura crítica de afirmação da coexistência de diferentes culturas comuns, quanto para designar um programa político de integração de sociedades enfrentando conflitos (reais ou potenciais) entre grupos étnicos, lingüísticos e políticos diversos (IORIS, 2007 p.p. 32-33).

Dentro da perspectiva multicultural, Denning (2005) propõe as análises culturais a partir do que é caracterizado pelo autor como a *cultura na era dos três mundos*. Segundo o autor, a cultura sofreu uma virada cultural iniciada por volta de 1950; virada essa que atingiu proporções globais. A virada cultural foi consequência de um “desenvolvimento desigual de uma cultura global a partir dos embates culturais e ideológicos entre os três mundos” (p. 10).

Todavia, a virada cultural promovida em razão da cultura global desigual nos três mundos é considerada por Denning como sendo a responsável pela ascensão dos estudos culturais por dois motivos ligados, porém diferentes entre si:

(...) primeiro, o estudo da cultura, sob diversos nomes (talvez mais comumente conhecido como ‘comunicações’), desenvolveu-se precisamente em uma nova ciência social em razão do surgimento de uma região nova e relativamente autônoma da vida social; e segundo, a virada de uma cultura marcava a política distintiva dos movimentos sociais de uma Nova Esquerda que se forma nos três mundos (DENNING, 2005 p.p. 11-12).

Outro fator apresentado por Denning (2005) para justificar a virada cultural trata-se do efeito globalizante, ou seja, a globalização¹¹. Segundo o autor, a globalização é considerada como uma das palavras-chaves do século XX; levantando ao mesmo tempo uma importante questão acerca da globalização: seria ela uma força de homogeneização cultural ou haveria um contra movimento de resistência? Em resposta, o autor apresenta a globalização como “um processo, um circuito do fluxo global de mercadorias e comunicações (...), em lugar de uma narrativa histórica ou uma cultura comum, uma cultura global” (p. 32).

¹¹ O efeito globalizante apresentado por Denning (2005) teve início no período pós-1917, a partir da experiência comunista de combatividade lenista, da Frente Popular antifacismo e do anticolonialismo revolucionário.

Dessa forma, a globalização, como o pós-modernismo, não é algo que alguém possa ser contra ou a favor; ela representa uma tentativa de nomear o presente, e suas contradições (homogeneização *versus* hibridação, mercado universal ou rede global) são o sinal da natureza inacabada do discurso do presente.(...) Globalização é um conceito de periodização, mesmo quando anuncia o fim da história (DENNING, 2005 p.34).

Denning (2005) afirma que, para compreender a globalização enquanto fenômeno que atua sobre a(s) cultura(s), deve-se

tentar o temerário, imaginar o globo e seus povos de novas maneiras, escrever e ensinar uma história global, aceitar os riscos da globalização em favor da esperança de estudos culturais transnacionais emancipatórios, estudos críticos da globalização que restabeleçam a promessa do velho internacionalismo (DENNING, 2005 p. 44).

Retomando a questão cultural, Haesbaert (2005) apresenta a cultura a partir da perspectiva de que ela atua como uma das razões do controle social sobre o território; dentro de um processo de dominação/apropriação, onde o “território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações” (p. 6776). Dessa forma, não somente a cultura, mas também a sociedade, os grupos e até mesmo um indivíduo podem ser controladores de determinada área geográfica, ou seja, de um território, com o objetivo de controlar ou influenciar pessoas, relacionamentos e fenômenos que possam ocorrer nele.

A cultura é considerada por muitos estudiosos como a característica principal que identifica uma sociedade, aquela que diferencia as sociedades; no entanto, nas sociedades atuais observa-se o surgimento de “uma” cultura múltipla, ou seja, sociedades com múltiplas territorialidades. Nessas sociedades multiculturais, em alguns casos há destaque de uma cultura dentre as demais, onde nem sempre será a(s) cultura(s) tida(s) como original(ais) da localidade. Tal fato pode ser observado na sociedade de Anastácio (MS), composta por diversas inserções culturais, onde a cultura de destaque não é aquela tida como original.

Territórios e territorialidades

O território corresponde a um dos cinco conceitos-chaves da geografia (espaço, lugar, paisagem, território e região), que foi se modificando, em termos conceituais e de importância de acordo com as correntes do pensamento geográfico. A conceituação do território também se mostra diferente a partir da ciência que o analisa. Para as ciências naturais, o território é considerado como a área que determinado animal de determinada espécie exerce influência. Já nas ciências sociais, o território é encarado como a expressão que demonstra o poder do Estado no seu controle, estabelecendo relações entre as sociedades e o espaço que é habitado por elas, visto que o território muitas vezes é relacionado com a gestão ou o poder de uma determinada área (ANDRADE, 2004).

Com a geografia tradicional, que privilegiou a paisagem e a região, o território foi considerado como vinculado ao ato de um grupo se apropriar do espaço (tendência observada também na geografia política). Nas geografias teórico-quantitativa e crítica, o conceito de território não foi considerado primordial para o desenvolvimento da geografia. Na geografia humana, que deu grande ênfase à paisagem, o território encontra uma de suas matrizes (CORRÊA, 2000). Para Reis (S.I, p. 06) o território torna-se um elemento da genealogia dos processos, “conferindo-lhes uma natureza incerta, contingente e inesperada”, pois o autor parte do princípio de que o território “deve passar de utensílio descritivo para conceito que estrutura e diferencia a perspectiva interpretativa que se inclui”.

O território surge na geografia política sendo descrito como um espaço concreto, com atributos naturais e socialmente construídos, ocupado por determinado(s) grupo(s) social(ais) (SOUZA, 2001). Nessa perspectiva,

A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”). E mais, os limites dos próprios territórios não seriam, é bem verdade, imutáveis – pois as fronteiras podem ser alteradas, comumente pela força bruta –, mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade *sócio-espacial*, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas o território e, por tabela, com o poder

controlador desse território... (SOUZA, 2001 p. 84).

No contexto histórico do século XX, o território passa a ser visto como um “resultado histórico do relacionamento da sociedade com o espaço, o qual só pode ser desvendado por meio do estudo de sua gênese e desenvolvimento” (MORAES, 2005 p. 52), não podendo ser caracterizado como um acidente geográfico do espaço, mas sim, visualizá-lo a partir da concepção dos processos sociais nele estabelecidas.

Mitidieri Junior (S.I.) considera o território como sendo um produto do processo histórico do “trabalho humano, que resulta na construção de um domínio ou de uma delimitação do vivido territorial, assumindo múltiplas formas e determinações [...]” sendo que essas delimitações podem ser de caráter social, administrativo, cultural bélico ou jurídico. O autor afirma ainda que o território trata-se de uma “área demarcada onde um indivíduo ou [...] uma coletividade exercem seu poder”.

Moraes (2005) afirma que, do ponto de vista espacial, a formação de um território é cumulativa “que articula os resultados de formas de sociabilidade não necessariamente continuas e sincrônicas” (p. 54). O território também se torna responsável pela formação da identidade do espaço terrestre, visto que nesses casos, a “formação territorial articula uma dialética entre a construção material e a construção simbólica do espaço” (p. 58) unificada em um mesmo processo social, econômico e cultural. Partindo do pressuposto de que o território ganha uma identidade, Reis (S.I.) afirma que essa não é a do próprio território, mas sim da coletividade que o produz e nele vive, sendo que afirma que “é a produção humana a partir do uso dos recursos que dão condições a nossa existência”.

O conceito de território, quando comparado com o de região, é considerado mais amplo por abranger diferentes formas de apropriação do espaço em suas diversas escalas espaço-temporais (HAESBAERT, 2002). Haesbaert (2004) afirma que essas escalas temporais e espaciais estão relacionadas com o que foi vivido, pois desta forma o território será visto como múltiplo complexo e diverso – fora da lógica capitalista. O território é visto como uma construção social, a qual interfere em diferentes escalas relacionais; uma construção discursiva e uma construção material (REIS, S.I. p. 08).

Os conceitos de Estado e território são entrelaçados intimamente, ligados aos pilares

de formação do Estado, sendo que este é constituído por três matrizes essenciais: o território, o povo e o governo, considerando que o povo e o território coexistem entre si, mesmo que não haja um governo, ou seja, uma forma de poder. Por isso, quando um território se forma, as pessoas que neles estão, passam a ter consciência de sua participação, dando origem ao sentimento de territorialidade, fazendo com que haja confraternização entre eles (ANDRADE, 2004). Souza (2001) também relaciona o conceito de território ao conceito de Estado, mas fazendo a ligação entre ambos através do território nacional. Para o autor o Estado é considerado o “gestor por excelência do território”, um defensor do território pátrio (p. 81); todavia, o território não deve nem precisa ser reduzido às escalas nacionais, ou ser associado ao Estado, como grande gestor, pois

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diferentes escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; os territórios podem ter caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. Não obstante essa riqueza de situações, não apenas o sendo comum, mas também a maior parte de literatura científica, tradicionalmente restringiu o conceito de território à sua forma mais grandiloquente e carregada de carga ideológica: o “território nacional” (SOUZA, 2001 p.81).

Para Saquet (2003, p. 03 apud GIL, 2004 p. 07) afirma que podemos compreender o território “[...] como fruto dos processos de apropriação e domínio de um espaço, inscrevendo-se num campo de forças, relações de poder econômico, político e cultural”. Haesbaert (2004, p.p. 95-96) afirma que o território, que está inserido em relações de dominação e de apropriação entre a sociedade e o espaço, “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural simbólica’”.

Santos (2002) considera o território a partir de formas, mas o diferencia do território usado; para o autor, o território usado “(...) são objetos e ações, sinônimo do espaço humano, espaço habitado (...)”. O autor afirma que o território usado é considerado como uma das

categorias de análise¹² para a compreensão do território no atual contexto da globalização, tratando-o como um campo de forças, um lugar onde ocorre a dialética entre o Estado e Mercado, entre os usos econômicos e sociais de recursos, lugar do conflito entre classes, localidades e velocidades (SANTOS, 1999).

Araújo (2008) apresenta o território caracterizando-o a partir das implicações entre as relações de poder, pertencimento, apropriação (de caráter simbólico) e domínio; onde a territorialidade adquire o sentido de pertencimento, de algo que seja seu (considerado como intrínseco ao ser humano em sociedade), perspectiva apresentada também por Souza (2001), pois, segundo o autor, o território é um espaço delimitado e definido essencialmente a partir e pelas relações de poder.

Haesbaert (2005) também apresenta o território dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, onde deve ser considerado e estudado, primeiramente, a multiplicidade de manifestações que ocorrem nele. Segundo o autor, o território deve ser compreendido e distinguido, inicialmente, a partir daquele(s) que o produzem, “sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja” (p.6776) entre outros. Dessa forma, o autor conclui que

Todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos o domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (“lar” para o nosso repouso), seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (HAESBAERT, 2005 p. 6776).

Ratzel (1974 apud SOUZA, 2001) apresenta um território necessariamente estabelecido a um referencial político de Estado, o autor não apenas trata de “*um tipo específico de territorialidade*”, preenche de história, tradição e *ideologia* – a territorialidade do

¹² Segundo Santos (1999), o território no contexto da globalização deve ter suas categorias de análise reformuladas. O autor propõe as seguintes categorias de análise para a compreensão do território: evento (que une o mundo e o lugar, o tempo e o espaço), o tempo empírico (apresentado nos trabalhos científico e político os futuros possíveis), a forma-conteúdo (a idéia de forma-conteúdo explica as sociedades particularizadoras), o acontecer solidário (a construção do território através da produção histórico-geográfica), o território usado, o saber local (universalidade empírica que faz a ligação entre a produção teórica e os lugares de realização da Geografia) (SANTOS, 1999).

Estado-Nação –, mas a trata de um modo, por assim dizer, *naturalizado*¹³” (p. 85). Ainda segundo Ratzel, o Estado-Nação enquanto territorialidade é

tão densa de história, onde afetividade e identificação (reais ou hiperbolizadas ideologicamente) possuem enorme dimensão telúrica – paisagem, “regiões de um país”, belezas e recursos naturais da “pátria” –, é naturalizada por Ratzel também na medida que este não discute o conceito de território, desvinculando-o do seu enraizamento quase perene do solo pátrio (RATZEL, 1974 apud SOUZA, 2001 p.p. 85-86).

Na discussão a respeito das territorialidades, Haesbaert (2004) as apresenta não apenas como componentes dos territórios, mas as relaciona diretamente com a carga simbólica dos mesmos. O autor afirma que

Um aspecto importante a ser lembrado nesse debate é que, mais do que território, territorialidade é um conceito utilizado para enfatizar as questões de ordem simbólico-cultural. Territorialidade, além de acepção genérica ou sentido lato, onde é vista como a simples “qualidade de ser território”, é muitas vezes concebida em um sentido estrito de dimensão simbólica do território.

Ao falar-se em territorialidade estar-se-ia dando ênfase ao caráter simbólico, ainda que ele não seja o elemento dominante e muito menos esgote as características do território. (HAESBAERT, 2004 p.p. 73-74).

Haesbaert (2005) afirma ainda que as territorialidades incorporam um caráter estritamente político, que também é relacionado com a economia e a cultura, por estar intimamente associada ao modo de uso da terra, o modo de organização do espaço, e, o modo como atribuem significado ao lugar. O autor segue a perspectiva de Sack (1986), que apresenta a territorialidade como “um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significados (p.219)”.

As territorialidades são apresentadas por Souza (2001) a partir da diferenciação entre

¹³ Grifo do autor.

os seus significados, sendo estes caracterizados a partir do singular e do plural:

(...) a territorialidade, no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território, isto é, (...) *relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial*. As territorialidades, no plural, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmicas, etc.: para exemplificar, territórios contínuos e territórios descontínuos singulares são representantes de duas territorialidades distintas, contínua e descontínua. (p. 99)

Souza (2001) afirma ainda que as territorialidades não são apenas epifenômenos dentro de um contexto de busca e luta por justiça social e/ou pela autonomia plena; pois segundo o autor, “para uma dada coletividade, gerir autonomamente o seu território e autogerir-se são apenas os dois lados de uma mesma moeda, e representam ambos uma *conditio sine qua non* para uma gestão socialmente justa dos recursos contidos no território” (p. 112).

Santos (2002) afirma que os territórios podem ser formados por lugares contínuos e lugares em rede. Entretanto, segundo o autor, os mesmo lugares que formam as redes, são os mesmo que formam o espaço banal; os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas que possuem funcionalidades diferenciadas simultaneamente sejam elas opostas ou divergentes. Para compreender os territórios-redes é necessário entender as redes que se estabelecem entre eles.

Os territórios são representados a partir das territorialidades que os compõe, uma vem que estas correspondem às características que constituem as sociedades. É necessário trazer para a discussão a importância que a cultura representa para a formação dos territórios. A cultura, enquanto territorialidade, representa a soma dos valores, do conhecimento, das crenças e dos costumes de uma localidade (SODRÉ, 1996; CLAVAL, 2007); dessa forma constituindo um território que pode ser tido como território cultural.

Esses territórios caracterizados a partir de determinada cultura nem sempre surgem sozinhos nas sociedades, pois, conforme defende Haesbaert (2004), os territórios não são unos e sim, múltiplos. Como as sociedades são formadas por diferentes culturas (e recebem novas inserções culturais a cada dia – aculturação) são formados inúmeros territórios, caracterizando as sociedades como multiterritoriais.

As redes sociais e as migrações

O processo de evolução da humanidade é permeado pela presença das redes, pois ao observarmos, por exemplo, “inscrições rupestres a sinalização de uma região onde se localiza água ou caça, já estamos estabelecendo pontos onde ocorrerão fluxos entre os fixos” (ROCHA, 2009 p. 678). A formação das redes, muitas vezes está relacionada aos processos migratórios¹⁴.

“O termo rede não é recente, tampouco a preocupação em compreender seus efeitos sobre a organização do território” (DIAS, 2001 p. 143). É possível notar a presença de redes nos estudos científicos (sendo tema principal ou não) por volta de 1832, quando o termo foi utilizado por Michel Chevaleir (economista e engenheiro) para a análise das relações entre comunicação e crédito (DIAS, 2001).

Segundo Dias (2001) o estudo das redes é inter/multidisciplinar, pois envolve diversas e diferentes disciplinas como a Sociologia, a Física, a Economia ou a História. A autora afirma que a busca pelo significado das redes não deve se restringir a uma “perspectiva de linearidade entre o desenvolvimento técnico e as transformações espaciais, sociais ou econômicas, mas sim numa realidade pluridimensional” (p.159), surgindo nesta realidade, estratégias que envolvem diversos atores. Dessa forma, o contexto histórico das redes é “um processo complexo, no qual coexistem eventos determinados por interações locais e projetos definidos por concepções globais sobre o papel das técnicas de informação e de comunicação” (DIAS, 2001 p. 159).

As redes sociais podem ser compreendidas de diferentes aspectos, pois são utilizadas como forma de análise para diversos casos. Uma das perspectivas é apresentada por Castells (2000), onde o autor afirma que as redes sociais globais atuam como fatores que “conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas”

¹⁴ Os movimentos migratórios constituem-se no deslocamento individual ou coletivo de uma determinada região para outra que não seja parte de seu entorno habitual (um município para outro, como de Estado para outro, como também de um país para outro), com permanência definitiva, temporária ou sazonal.

(p. 23).

Segundo Santos (2002)

as redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade. Mas além das redes, antes das redes, apesar das redes, depois das redes, com as redes, há o espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns (SANTOS, 2002, p. 16).

Na concepção que envolve o espaço e as redes, Haesbaert (1998), apresenta uma característica importante das redes, elas nunca preenchem, de forma contínua, o espaço geográfico; “uma rede que se tornasse uma malha tão compacta a ponto de preencher todo um espaço deixaria de ser uma rede” (p. 63); tornando isso, uma das principais razões pelo qual o uso do termo foi de rápida disseminação nos últimos anos, em um “mundo em que a lógica ‘tradicional’ dos domínios territoriais (...) é cada vez mais suplantada por uma nova lógica ‘reticular’, onde uma espécie de territorialidade pós-moderna é pautada pela fragmentação e sobreposição de territórios” (p. 63).

Os conceitos relacionados às redes sociais constituem uma das formas de análise utilizadas para a compreensão de aspectos encontrados na organização espacial das sociedades atuais e da forma como estes aspectos são articulados ao território; dessa forma, as redes urbanas são importantes fornecedores de subsídios para este estudo, “já que o conjunto das articulações pode indicar quais subespaços dotados de um maior número de conexões capazes de gerar economias de aglomeração suficientemente fortes para atrair fatores de desenvolvimento” (MATOS e BRAGA, 2004).

A importância das redes sociais está relacionada também ao fato de que elas atuam como pontes de ligação entre territórios; entretanto, Haesbaert (2004) afirma que, os estudiosos (sejam eles geógrafos ou não) trabalham as duas temáticas de forma separada, em unidades distintas, tratando-as como se fossem antagônicas. Segundo o autor “(...) os territórios são compostos por unidades espaciais como áreas ou zonas, pontos e linhas ou,

numa leitura não-euclidiana¹⁵, nós e redes, podemos refletir em termos de diferentes composições que estes elementos proporcionam” (p. 282); dessa forma, Haesbaert (2004) propõe a análise a partir dos territórios-zonas ou territórios-redes, que são explicados inicialmente pelo autor através da exposição da dicotomia que se estabelece entre os conceitos (quadro 01):

QUADRO 01: DICOTOMIA ENTRE TERRITÓRIO E REDE.

Território	Rede
Intrínseco (mais introvertido); centrípeto; composto por áreas, superfícies; estabelece limites; possibilita o enraizamento ao local; é mais estável; espaço para habitação; considerado um espaço de lugares, e; possui métrica topográfica.	Extrínseca (mais extrovertida); centrífuga; comporta por pontos (nós) e linhas; rompe com os limites (ao promover os fluxos); promove o desenraizamento do local; mais instável; considerado um espaço para a circulação, dos fluxos, e; métrica topológica, não-euclidiana.

Quadro 01: Dicotomia entre território e rede.

Fonte: Haesbaert, 2004 (p. 288).

Na lógica dos territórios-redes, devemos compreender primeiramente que os territórios podem ser contínuos ou não;

Os territórios contínuos são aqueles que possuem contigüidade espacial, os mais usuais, enquanto os territórios descontínuos são os que não possuem uma

¹⁵ Haesbaert apresenta a leitura euclidiana como: aquela que começa a definir-se pelos conceitos básicos: ponto (que não possui parte alguma), linha (“comprimento sem largura), superfície (“que possui largura e comprimento”), sendo esses conceitos, atualmente, considerados primitivos e sem relevância para que sejam definidos. O sucesso da corrente euclidiana está relacionado ao fato da sua fácil interpretação e dos múltiplos usos, tanto que podem ser aplicados a estudos empíricos atualmente. Todavia, o maior problema desta é estar inspirada em uma concepção de espaço absoluto, que separa o espaço do tempo, resultando em uma completa abstração (HAESBAERT 2004 p.p. 285-286).

contigüidade espacial. Alguns autores denominam estes de redes ou território-rede; em termos gráficos, os territórios contínuos poderiam ser caracterizados por superfícies e os descontínuos por pontos. Nos territórios descontínuos, em verdade, são apresentados em diferentes escalas ou níveis de análise. Isto é, um território contínuo é um conjunto de pontos em rede numa escala determinada, no qual cada ponto representa um território contínuo, com forma e estrutura próprias e numa escala de menor dimensão (SCHNEIDER e TARTARUGA, 2004 p. 105).

Schneider e Tartaruga (2004) consideram o território-rede aqueles que foram caracterizados anteriormente como sendo os territórios descontínuos. Para os autores, o território-rede é aquele que apresenta articulações entre espaços de diferentes escalas, onde é possível visualizar claramente o problema da escala: de um lado a escala local (representada no território), “está a informação factual, a valorização do vivido, a tendência a heterogeneidade, os dados individuais ou desagregados, os fenômenos manifestos” (p. 105); apresentando do outro lado, a escala regional ou global (o território-rede), onde está a “informação estruturante, a valorização do organizado, a tendência a homogeneização, os dados agregados, os fenômenos latentes” (p.105). Dessa forma, podemos compreender o território-rede como a tentativa de ligação entre diversos e diferentes territórios, no entanto, essa ligação, pode levá-los a homogeneização das características encontradas nos territórios envolvidos no processo.

Um processo relacionado às redes é o da desterritorialização, conforme apresenta Haesbaert (2001), uma vez que a desterritorialização por ser um processo simbólico (destruição de símbolos, marcos históricos, identidades), material (seja político ou econômico, a destruição de laços ou fronteiras econômicos-políticos de integração). O autor atenta para as escalas em que esse processo pode ocorrer, tanto temporais quanto espaciais, “pois pode ocorrer concomitantemente desterritorialização numa escala (regional/local) e reterritorialização em outra (nacional ou mundial, por exemplo)” (p. 181). O autor afirma que

Nos processos de desterritorialização promovidos pelas redes é importante distinguir também suas diferenças de intensidade conforme o elemento da rede a que estivermos nos referindo. Assim, nem tudo é válido para as “linhas” e os fluxos o é para os “pontos” ou nós. Além disso, muitas redes, geograficamente falando, não só atuam como vetores de desterritorialização como são em si mesmas mais desterritorializadas, num sentido físico, pois só necessitam de “antenas” (“pontos”) para realizarem suas conexões (é o caso das transmissões via satélite), enquanto para outras são imprescindíveis os “dutos” materiais (caso dos cabos telefônicos submarinos)” (HAESBAERT, 2001 p.p.181-182).

A desterritorialização, que pode ser atribuída aos territórios-rede, está relacionada ao surgimento de novos territórios, uma vez que, ao ocorrer a conexão entre territórios distintos, tal como ocorre nos processos migratórios, a aproximação entre as características do território de origem com as características do de destino pode resultar na criação de um novo território, composto por múltiplas territorialidades.

Os movimentos migratórios são fenômenos interessantes em si mesmos e se constituem em um aspecto relevante no diagnóstico das estruturas sociais e econômicas das sociedades de origem e de recepção das pessoas (SCHÖRNER, 2009). A análise dos movimentos migratórios, em muito é feita a partir da articulação com a análise da mobilidade social, sendo que quando associado a esta, a migração é vista através de duas linhas de pesquisa

Em certa linha de trabalho a migração teria sido um meio de ascensão social para seus protagonistas e um fator estruturalmente importante para explicar a intensa mobilidade social ascendente no Brasil nos últimos 50 anos. Em uma outra perspectiva analítica o significado da migração para os indivíduos e grupos sociais não poderia ser indubitavelmente apreendido, já que se para certos tipos de migrantes a mobilidade espacial teria proporcionado uma melhor inserção socioocupacional (*sic*) na sociedade, para outros, a migração seria uma das poucas ou inevitáveis estratégias de sobrevivência básica e para garantir sua posição na estrutura social (JANNUZZI, 2000, p. 05)

Quando, no século XVIII, Thomas Malthus propôs a teoria das populações, tido como a teoria inicial sobre a população, uma vez que até então, as populações apareciam brevemente dentro dos estudos políticos da época; Malthus é considerado o primeiro a estabelecer a ligação entre o aumento da pobreza e os deslocamentos populacionais. Karl Marx estabelece um paradoxo entre as migrações e a teoria econômica política, onde a migração era motivada por questões de trabalho, ou seja, os camponeses deixavam o campo em direção às cidades em busca de emprego (SANTOS, 2007). Segundo Santos (2007)

A migração ocupou um lugar nas abordagens políticas, econômicas e sociais. No campo da geografia, a migração é considerada como um dos elementos

fundamentais na configuração do território, confundindo-se em alguns momentos, como o próprio objeto da Geografia (SANTOS, 2007 p. 89).

“O sentido de migração está em trocar de região, país, estado ou até mesmo domicílio, migrar faz parte do direito de ir e vir, que consta na constituição” (VALIM, 1996). A migração corresponde ao deslocamento de pessoas dentro (ou fora) de um território, sendo influenciado por diferentes processos ou motivações, tanto nos fluxos quanto nas características dos processos migratórios (OLIVEIRA e SIMÕES, 2004).

Muitas são as motivações que levam as pessoas a migrarem, mas a que esteve sempre em evidência (e apresenta-se significativamente na atualidade) são as questões relacionadas à economia, uma vez que, a migração, quando analisada por meio das redes sociais, está diretamente relacionada ao processo de urbanização, uma vez que muitas migrações são motivadas pela busca de melhores condições de vida. Para Matos e Braga (2004)

Nos estudos das redes urbanas, fica evidente a relação estrita entre a aglomeração populacional existente e a existência de fatores econômicos diversos, que fazem aumentar a centralidade dos pontos mais dinâmicos, tornando-os pólos de atração para diversos fluxos que constroem a força das redes. Dentre esses fluxos, as migrações internas têm especial importância, devido a capacidade dos imigrantes levar consigo uma série de elementos indispensáveis à expansão dos centros urbanos como força de trabalho, conhecimento, capital, consumo, etc. (MATOS e BRAGA, 2004, p. 03).

Segundo Matos e Braga (2004), o migrante deve ser compreendido por meio das redes sociais, uma vez que ele é capaz de levar de sua localidade de origem diversas características que são inseridas nas novas localidades a que se destinam. Dentre as diversas características que os migrantes transportam através das redes de migração, podem ser citadas os hábitos culturais e as culturas dos migrantes que fazem parte da constituição da cultura e da identidade cultural do local escolhido para se estabelecerem; muitas vezes notadas expressivamente nestas localidades.

“As redes se tornam portadoras de uma identidade construída entre dois lugares, e é pertencendo à rede que o migrante encontra um espaço criativo, no qual essa identidade pode

ser compartilhada entre os demais membros” (SANTOS, 2007, p. 101). As redes migratórias são vistas como uma “rede social, precedida por outras redes que se adaptam ao objetivo de migrar, como as relações de parentesco, amizade, trabalho, etc.” (SOARES, 2002; FAZITO, 2002). Essa forma de análise dos deslocamentos populacionais com intenção de migração, evidenciam os laços sociais existentes presentes no conjunto das interações espaciais que compõem os sistemas das cidades e sociedades. Assim, o estabelecimento de uma rede de comunicação entre os migrantes e seus locais de origem e de destino, em muitos casos, orienta o processo migratório.

As análises dos movimentos migratórios devem considerar o migrante não somente por seus atributos pessoais ou intenções individuais, mas sim como uma entidade dotada de relações que se conecta a outros conjuntos compostos por laços de parentesco, amizade, conhecimento, trabalho, entre outros. A partir desta abordagem, os deslocamentos populacionais são a expressão das possibilidades geradas a partir de um conjunto de relações nas quais o indivíduo se insere (SOARES, 2002). Dessa forma, as redes sociais não são geradas no movimento migratório em si, mas sim, transformadas pelos deslocamentos populacionais, na medida em que se reforçam as conexões que se estabelecem entre os migrantes e a sociedade local.

A migração entre regiões no Brasil é uma característica encontrada frequentemente nas análises da composição populacional das sociedades. Para compreender a migração interna no Brasil é necessário rever o processo de formação populacional e do processo de urbanização ao longo do século XX, que foi marcado por diversos fluxos de deslocamento, tanto internos quanto estrangeiros, dessa forma

[...] os reflexos da dinâmica social, política e econômica brasileira no comportamento apresentado pelas taxas de crescimento populacional indicam uma multiplicidade de fenômenos e relações que se encontram cristalizados na forma de organização do território nacional. Os deslocamentos populacionais não fogem a regra, pois sinalizam determinados processos em curso na sociedade brasileira (OLIVEIRA E SIMÕES, 2004, p. 05).

Dentre as migrações internas brasileiras, a região Nordeste é caracterizada como área de intensos fluxos emigratórios, ou seja, muitas pessoas saem da região em direção a outras,

motivadas por diversas razões. No centro desses deslocamentos podem ser localizados alguns fatores históricos, “como a estagnação econômica, as mais diversas manifestações de desigualdades sociais, sobretudo os elevados níveis de desemprego nas áreas urbanas da região” (OLIVEIRA e JANNUZZI, 2005).

Um dos diversos deslocamentos de população nordestina no Brasil foi direcionado para o interior do Estado do Mato Grosso do Sul, no município de Anastácio, onde pode ser encontrada uma grande colônia de migrantes nordestinos que inseriram suas territorialidades no local, dando origem a um território pernambucano em Anastácio.

Capítulo 03

MIGRAÇÕES NO BRASIL E A MIGRAÇÃO NORDESTINA PARA ANASTÁCIO (MS)

Este capítulo aborda os movimentos migratórios dentro do território nacional, partindo de uma perspectiva histórica e através da apresentação dos principais deslocamentos, abranger a migração que se iniciem na região Nordeste, tal como para o Estado de Mato Grosso do Sul, como para os demais Estados.

Migração interna do Brasil

No Brasil, a formação populacional é miscigenada em diversos lugares devido, principalmente, às migrações internas¹⁶. Esses movimentos e a inserção desses imigrantes são responsáveis pela disseminação e aculturação dos costumes e hábitos culturais de diversas localidades.

Ao longo dos anos, os movimentos migratórios têm proporcionado à expansão dos espaços de migração, através da incorporação de novos contingentes populacionais; dessa forma, para entender os processos migratórios internos no Brasil, é preciso considerar as dinâmicas migratórias inter-regionais, “não tanto pela importância numérica que se impõe, mas pelas transformações que se pode captar no fenômeno migratório nesses espaços” (BAENINGER, 2000 p. 01). Outra importante característica a ser observada nos processos migratórios brasileiros, é rever o processo de formação populacional e do processo de urbanização ao longo do século XX, que foram marcados por diversos fluxos de deslocamento, tanto internos quanto estrangeiros.

[...] os reflexos da dinâmica social, política e econômica brasileira no comportamento apresentado pelas taxas de crescimento populacional indicam uma multiplicidade de fenômenos e relações que se encontram cristalizados na forma de organização do território nacional. Os deslocamentos populacionais não fogem a

¹⁶ Neste caso, as migrações estrangeiras são consideradas também, mas em segundo plano; uma vez que o objetivo e objeto dessa pesquisa tratam-se das migrações internas.

regra, pois sinalizam determinados processos em curso na sociedade brasileira (OLIVEIRA E SIMÕES, 2004, p. 05).

Braga (2006) também relaciona a migração interna com o processo de crescimento urbano e industrial; pois, segundo o autor, a equivalência histórica entre o processo e a migração interna “colabora com o argumento de que os fluxos populacionais são importantes indicativos do processo de integração das regiões de âmbito do desenvolvimento produtivo e das relações de trabalho” (BRAGA, 2006 pp. 01-02). No entanto, o autor, ao estabelecer essa relação entre os processos migratórios internos e o processo de urbanização, afirma que “é preciso considerar que entre 1930-1970 as cidades brasileiras apresentaram diferentes tendências de crescimento” (p. 02), uma vez que no período citado, a consolidação da industrialização (indicativo do processo de urbanização) não ocorreu de forma homogênea em todo o território nacional.

Outro fator que relaciona os deslocamentos populacionais com o processo de urbanização brasileira são os dados demográficos da década de 1960, onde os migrantes foram considerados os protagonistas da expansão urbana brasileira, ao considerar, principalmente a redução gradativa da taxa de fecundidade (impulsionada pelos avanços técnico-científicos e pelo novo estilo de vida urbana). Na década de 1970, é possível observar no Brasil que os movimentos migratórios deixaram de ser somente do tipo rural-urbano, mas passaram a ocorrer também do tipo urbano-urbano; esta mudança no perfil das migrações internas mostra uma alteração no perfil do migrante, em função de sua origem urbana (MATOS, 2002).

As décadas de 1970, 1980 e 1990 foram marcadas pelo surgimento de novas localidades entre os mais importantes centros urbanos no Brasil, ao mesmo tempo em que o processo de metropolização ocorria de forma contínua. Os Estados da região Sudeste, Rio de Janeiro e São Paulo, que sempre exerceram forte atratividade para os migrantes durante o período citado anteriormente, viram esse fluxo de pessoas diminuir, tal como para os Estados da região Centro-Oeste¹⁷, como Mato Grosso do Sul e o Distrito Federal. Dessa

¹⁷ No caso dos Estados da região Centro-Oeste, na década de 1970-80, o Mato Grosso do Sul aparentava apresentar um fechamento de suas fronteiras (MARTINE, 1994); e o Distrito Federal estava expandindo sua área metropolitana, alcançando os municípios ao redor, dessa forma, os fluxos migratórios acabaram sendo redirecionados para as cidades da região metropolitana do Distrito Federal (BAENINGER, 2000).

forma, os deslocamentos populacionais desses períodos são tidos como a fase de modificação no padrão migratório interno brasileiro (BAENINGER, 2000).

Autores como Pacheco e Patarra (1997) afirmam que os fluxos de deslocamento populacional demonstram uma forma de configuração do sistema urbano mais complexo e amplo, que leva a formação e aparecimento das redes migratórias; ao considerar que as redes migratórias possuem contato com duas localidades distintas (a origem e o destino), elas estão diretamente relacionadas com a conformação da mobilidade populacional. Dessa forma, diversos autores propuseram novos padrões migratórios na década de 1980, dando início a uma série de questionamentos sobre os efeitos que esses novos processos teriam sobre as migrações internas brasileiras (PACHECO e PATARRA, 1997).

Segundo Braga (2006)

[...] pode-se verificar que os últimos 30 anos marcaram uma alteração substancial nos padrões de crescimento populacional no Brasil. Nas décadas precedentes, os investimentos industriais, a urbanização e as altas taxas de natalidade fizeram gerar excedentes populacionais que alimentaram fortes movimentos migratórios em direção às grandes metrópoles e áreas de fronteiras de recursos. Mudanças econômicas e demográficas trouxeram um esgotamento de antigos padrões que acompanhavam a dinâmica populacional até então. Em consequência, os movimentos da população no espaço ganharam outras tendências, fruto também das novas territorialidades derivadas da expansão do Brasil urbano-industrial. Desde clássicos da migração como Ravenstein¹⁸ (1885) sabe-se que os processos migratórios são altamente seletivos em relação às pessoas. Contudo os novos determinantes do período atual reforçam a chamada *seletividade espacial* dos movimentos. Assim, as áreas centrais das grandes metrópoles, mesmo perdendo população e uma parcela das unidades físicas de produção, não deixam de exercer o controle sobre as atividades econômicas mais importantes do país, e, por isso, expulsam e atraem imigrantes a fim de renovar os contingentes de mão de obra de acordo com as necessidades dadas pelas funções de gestão e administração avançadas. Isto sugere que as redes migratórias vêm ganhando maior complexidade no interior das regiões brasileiras em função da multiplicação de atores (cidades) e dos seus papéis na atração ou expulsão de migrantes (BRAGA, 2006 p. 03).

Das regiões brasileiras, a que mais envia migrantes para as demais é a Região Nordeste; fato que pode ser relacionado com as condições físicas das regiões de origem desses migrantes, como o caso dos migrantes do Agreste Pernambucano para o município de

¹⁸ RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: **Migração Interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1980 [1885].

Anastácio (alguns migrantes também são oriundos dos Estados de Alagoas e Ceará, no entanto, Pernambuco é o maior emissor de migrantes para Anastácio).

Migração nordestina no Brasil

Considerando que muitas migrações ocorreram motivadas pela busca de melhores condições e qualidade de vida, os migrantes provenientes da região Nordeste buscam em outras localidades (principalmente os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, na região Sudeste) por oportunidades ou melhores empregos, melhores instituições de ensino para seus filhos, ou simplesmente, para fugir da seca que assola muitas áreas dos Estados nordestinos.

Outros fatores que podem ser associados como motivações aos grandes fluxos de deslocamento populacional, a partir da região Nordeste, estão relacionados com os dados históricos da região. Historicamente a região Nordeste possui uma das parcelas mais substanciais da população brasileira (ao lado da região Sudeste). Agregado ao grande contingente populacional, o processo de urbanização e industrialização foi mais lento, em comparação com as outras regiões do Brasil (CAMARANO, 1998).

Guillen (2001) relaciona a migração nordestina com a seca que os nordestinos enfrentavam em suas localidades de origem; no entanto, a autora afirma que a vinculação direta entre esses dois fatos pode mascarar o fato de que a transumância é uma característica das populações, uma vez que a história do brasileiro é marcada por diversos exemplos, tais como o vaqueiro, o mascate, o tropeiro. Dessa forma, a migração para os indivíduos trata-se, algumas vezes, de uma marca social, uma característica pertinente ao indivíduo.

No caso dos migrantes nordestinos, Guillen (2001) afirma que migrar é uma das formas de fugir da penúria e da fome, uma escolha contra a miséria e a fome que enfrenta no Sertão. Segundo a autora

Migrar, portanto, tem sempre um sentido ambíguo – como uma imposição das condições econômicas e sociais ou ambientais – e, nesse caso, ela aparece no mais das vezes como um dos mais fortes elementos que explicariam uma destinação do ser nordestino, mas também como uma escolha contra a miséria e a pobreza da vida

no sertão. Migrar é, em última instância, dizer não à situação em que se vive, é pegar o destino com as próprias mãos, resgatar sonhos e esperanças de vida melhor ou mesmo diferente. O problema está no fato de que numa vasta produção discursiva, retirou-se do migrante a sua condição de sujeito, como se migrar não fosse uma escolha, como se ele não tivesse vontade própria. Migrar pode ser entendido como estratégia não só para minimizar as penúrias do cotidiano, mas também para buscar um lugar social onde se possa driblar a exclusão pretendida pelas elites brasileiras através de seus projetos modernizantes (GUILLEN, 2001 s/p.)

Os migrantes nordestinos deixaram e deixam, ao longo dos tempos, seus locais de residência primária por diversas motivações. No ano de 2001, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – realizou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), onde elencou as principais razões que motivaram o último deslocamento dos entrevistados. No caso dos migrantes nordestinos entrevistados, a mudança da família foi à principal motivação (51,5%) sendo acompanhada por motivações de trabalho (18,4%), conforme os dados apresentados na tabela a seguir:

TABELA 01. MOTIVAÇÕES PARA MIGRAÇÃO DO NORDESTE

Motivação	Porcentagem
Trabalho	18,4%
Estudo	3,1%
Saúde	2,0%
Moradia	11,1%
Acompanhar a família	51,5%
Dificuldade no relacionamento familiar	2,3%
Outro motivo	7,0%

Fonte: PNAD/IBGE, 2001 (OLIVEIRA e JANNUZZI, 2005).

Adaptação: TREVIZAN, 2010.

Os locais de origem dos migrantes revelam particularidades do processo de migração nas regiões brasileiras, por mais que grande parte dos deslocamentos de pessoas oriundas da região Nordeste seja motivada pela necessidade de acompanhar a família, a migração motivada pelo trabalho (busca de empregos, melhores condições salariais, custo de vida mais baixo, entre outros) ocupa o segundo lugar dentre as motivações para as migrações nordestinas, entretanto, é representativa apenas nos casos dos deslocamentos em direção a Região Metropolitana de São Paulo e da capital federal, Brasília (OLIVEIRA e JANNUZZI, 2005). Esse mesmo panorama pode ser observado nas migrações para a região Centro-Oeste (na qual está localizado o município de Anastácio), conforme os dados ilustrados na tabela 02.

TABELA 02. MOTIVAÇÕES: MIGRANTES DA REGIÃO NORDESTE PARA A REGIÃO CENTRO-OESTE.

Motivação	Do Nordeste para o Centro-Oeste
Trabalho	37,0%
Estudo	5,0%
Saúde	1,6%
Moradia	6,1%
Acompanhar a família	42,7%
Dificuldade no relacionamento familiar	2,2%
Outro motivo	5,5%

Fonte: PNAD/IBGE, 2001 (OLIVEIRA e JANNUZZI, 2005).

Adaptação: TREVIZAN, 2010.

Os movimentos migratórios para os nordestinos não era nenhuma novidade, em muitos casos. A ideia de que a migração para outras regiões era feita de forma desordenada não passa de mito, pois essas pessoas se organizavam meticulosamente e organizavam-se o melhor possível, tanto social como individualmente, por se tratar de uma mudança definitiva não somente do local de moradia, mas principalmente, no estilo de vida dos envolvidos no processo tanto para quem ia, como para quem ficava (FONTES, 2008). Essa organização dos migrantes, e os contatos estabelecidos por eles tanto na localidade de origem como com a localidade a qual objetivavam se instalar constituía o que pode ser chamado de redes sociais, que apresentam uma grande relevância nos processos de migração onde a motivação familiar se constitui como a principal.

Manifestações culturais em Anastácio e Aquidauana (MS)

As sociedades são palcos de constantes aculturações, por serem consideradas os “espaços onde as relações acontecem” e a proximidade (espacial) entre duas sociedades interdependentes sugere que possuam representações e manifestações culturais semelhantes. No entanto, os municípios de Anastácio e Aquidauana, apesar de sua proximidade (figura 07), mostram que essa proximidade muitas vezes não passa de apenas uma sugestão teórica, uma vez que em Anastácio a maior manifestação cultural está relacionada aos migrantes nordestinos, enquanto no município vizinho, ao homem pantaneiro e a presença indígena (Terena).

Pode-se afirmar que entre os municípios existe a aculturação proposta por Cuche (2002), no entanto, em pequena escala, considerando o fato de que a população aquidauanense caracteriza como principal manifestação cultural da cidade a cultura indígena, ao mesmo tempo em que caracteriza Anastácio a partir da Festa da Farinha¹⁹, evento tipicamente nordestino; fato que pôde ser comprovado através de entrevistas quantitativas²⁰ com a população residente na área urbana de Aquidauana.

¹⁹ Mais informações, vide apêndice 03.

²⁰ Mais informações no apêndice 04.

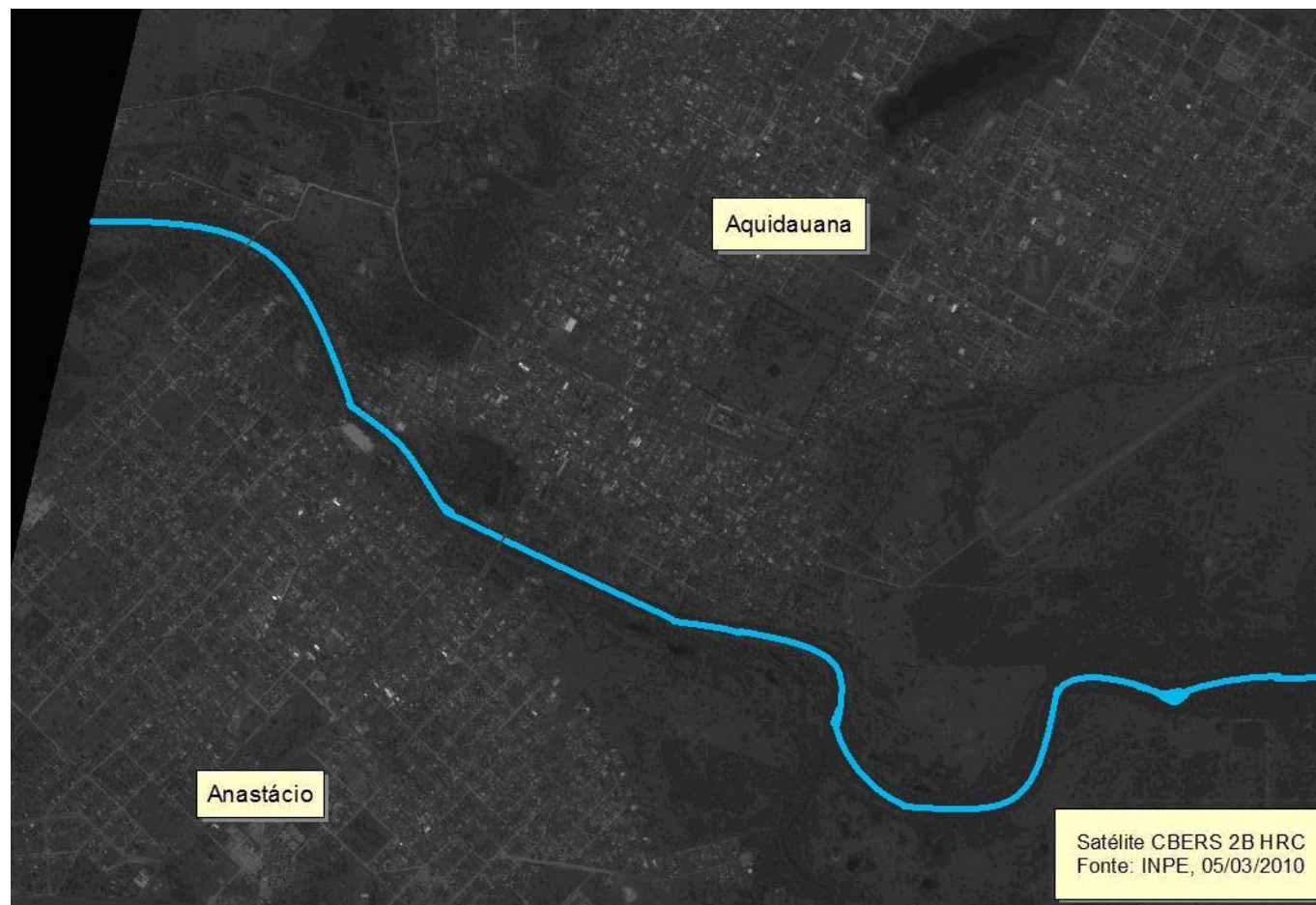


Figura 07: Municípios de Anastácio e Aquidauana – divisão pelo Rio Aquidauana

Fonte: Satélite CBERS 2B HRC – INPE, 05/03/2010

Org.: TREVIZAN, 2010.

Em Aquidauana, as manifestações culturais relacionadas com a presença pantaneira e indígena podem ser observadas nas festividades locais e casas de cultura. No Museu de Arte Pantaneira é possível observar essas culturas, tidas como “originais”, pois o museu possui exposição²¹ permanente acerca dos pantaneiros (figura 08). A cultura pantaneira também pode ser observada em telefones públicos pela cidade, pois muitos deles possuem a forma dos animais símbolos do Pantanal, tal como o Tuiuiú (figura 09).

²¹ As exposições permanentes no Museu de Arte Pantaneira representam cômodos de casas e fazendas pantaneiras (com objetos originais); e ferramentas e instrumentos característicos dos índios Terena, tribo predominante na região.



Figura 08: Exposição permanente de utensílios encontrados nas fazendas do Pantanal

Autor: TREVIZAN, L., 2011



Figura 09: Estação do Trem do Pantanal com telefone público “Tuiuiú”

Autor: MORO, 2010.

As manifestações indígenas em Aquidauana são claramente observadas, principalmente, na Praça Afonso Pena (conhecida popularmente como a Praça dos Estudantes), através de uma grande escultura em homenagem aos índios terenas, maioria na região, representada por uma índia preparada para a dança do bate pau (figura 10).



Figura 10: Escultura em homenagem aos indígenas Terena (Aquidauana, MS)

Autor: TREVIZAN, L., 2011

Em Anastácio, o município conta diversas inserções culturais que ocorreram através da chegada e permanência dos migrantes (especialmente gaúchos e nordestinos). Atualmente, apesar da grande quantidade e diversidade de migrantes no município, as características nordestinas levadas pelos migrantes, se sobrepõem inclusive as características tidas como “originais” da região (pantaneira e indígena).

Migrantes nordestinos em Anastácio²²

Acompanhando as motivações dos principais fluxos de emigração do Nordeste brasileiro (o “trabalho” e “acompanhar a família”) para a região Centro-Oeste, o município de Anastácio também apresenta as mesmas motivações como principais para o deslocamento dos nordestinos e a escolha do município como destino, em razão de muitos migrantes possuírem familiares ou amigos/conhecidos que já haviam migrado e estabelecido residência fixa na região de Anastácio. Essa conexão entre o Nordeste e Anastácio, através daquele que já haviam migrado com os que se preparavam para o deslocamento, estabelece uma rede social de migração entre as localidades.

Em alguns casos, houve o desmembramento familiar, ou seja, o fracionamento provisório das unidades familiares em virtude da quantidade de indivíduos que compunham as famílias. Em geral, os membros mais jovens eram os primeiros a iniciar o processo de migração, “ancorados freqüentemente em contatos com amigos, conterrâneos ou parentes distantes” (FONTES, 2008).

Em muitos casos, os migrantes não foram para Anastácio para se estabelecer, mas em visita a estes familiares que já residiam e ficaram pelo fato da família estar na região. O quadro a seguir ilustra as redes de migração que se formaram durante esse processo.

²² Os dados apresentados nesse tópico foram obtidos através de entrevistas qualitativas com descendentes direto e migrantes nordestinos, residentes na área urbana de Anastácio. Entrevistas transcritas, apêndice 06.

QUADRO 02. Tipologia das redes de migração para Anastácio²³.

Tipos de redes	Características gerais
Familiar	A família apresenta-se como uma das mais importantes e fortes redes de migração para Anastácio, uma vez que todos os migrantes entrevistados apresentaram-na como justificativa (juntamente com outras) para sua migração para a localidade. No entanto, há duas frentes que são observadas nessa rede; a primeira delas é relacionada com o fato de que as famílias dos migrantes eram além de numerosas estruturadas patriarcalmente, ou seja, o patriarca da família decidia pela migração e levava consigo todos os membros da mesma, contando com outros familiares que já haviam migrado. A segunda frente a ser observada é a citada por dois migrantes entrevistados, em que a família que já residia em Anastácio os “forçou” a se estabelecer permanentemente no município.
Financeira	A questão financeira é citada pelos migrantes, entretanto, em grande parte das entrevistas, é citada de forma indireta. Os migrantes afirmam que a vida em Pernambuco era demasiadamente difícil em virtude da falta de trabalho para os membros da família e acreditavam que iriam encontrar em Anastácio melhores condições de vida e de trabalho, logo, haveria uma melhora na renda familiar. No caso dos migrantes que se viram “forçados” a permanecer na cidade, a questão financeira mostrou-se como um obstáculo para seu retorno a Alagoas, pois não possuíam fonte de renda em Anastácio e não puderam retornar ao Estado de origem.
Tenente Valério	O dito Tenente Valério é visto como uma espécie de “agenciador” entre o percurso de migração dos pernambucanos para Anastácio. Ele organizou e executou diversos grupos de migrantes, levando-os diretamente para as propriedades que havia adquirido em Anastácio, ou estabelecendo uma conexão no Estado de São Paulo, tal como Tenente Valério, que havia se estabelecido no interior paulista antes de fixar-se permanentemente em Anastácio. Quanto aos dois migrantes alagoanos, não houve participação do Tenente em seu processo de migração, pois os mesmos foram apenas visitar a família, com recursos próprios e sem a interferência do Tenente no processo migratório.

Quadro 02: Tipologia das redes de migração

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Org.: TREVIZAN, 2011.

²³ A organização da tipologia das redes de migração foi baseado no modelo proposto por Santos (2007), adaptado utilizando os dados obtidos nas entrevistas durante a pesquisa de campo.

Além das migrações que se estabeleceram exclusivamente em função das redes sociais familiares (e entre amigos), existem aquelas (que obviamente também podem ser realizadas no contexto familiar) que foram “organizadas”. Destaca-se, neste caso, O Tenente Valério, que é considerado como um importante articulador para as redes migratórias para Anastácio.

O Tenente Valério migrou para Anastácio no início da década de 1940, após passar um período em São Paulo, onde, segundo conta-se a história, “roubou” uma mulher casada e fugiu para evitar um confronto com o marido traído. Ele articulou diversas migrações para Anastácio, de caminhão “pau-de-arara”, sendo que essas primeiras viagens levavam cerca de 30 dias para serem realizadas.

No entanto, o Tenente Valério não articulava somente a viagem dos migrantes, ele também os organizava na região de chegada, pois era proprietário de terras e os estabelecia nelas. Essas terras, posteriormente, deram origem às colônias (ou assentamentos) na área rural de Anastácio (Colônia Pulador, Colônia Chora-Chora, Assentamento Monjolinho e Assentamento São Manoel). Ele é lembrado até os dias atuais pelos familiares dos migrantes como um personagem importante para a migração em Anastácio. A descendente nordestina Rosemeire, quando perguntada, porque achava que os migrantes escolheram a região para se estabelecerem disse

*“eu acho mais por causa da influência do **Tenente Valério** (ênfase no nome), porque foi ele que trouxe a maioria das pessoas, ele que trouxe até no caminhão né, que foi várias vezes de caminhão buscar as pessoas. Minha vó falou que na época, levou um mês para chegar aqui porque a estrada era muito ruim, ficou um mês em cima de um caminhão, juntamente com, grávida da minha tia Lia e com os outros dois filhos pequenos, que é minha Bé e meu tio Bibiu” (entrevista Rosemeire, em 05/05/2010).*

Essas colônias e assentamentos, na época, constituíam-se em territórios dos migrantes. Alguns desses territórios se mantêm, apesar de todas as modificações culturais que ocorreram ao longo desse tempo. Os territórios, em um contexto histórico do século XX, passam a serem vistos como “resultado histórico do relacionamento a sociedade com o espaço, o qual só pode ser desvendado por meio do estudo de sua gênese e desenvolvimento”

(MORAES, 2005 p. 52), não podendo caracterizá-lo como sendo um acidente geográfico do espaço, mas sim, visualizá-lo a partir da concepção dos processos sociais nele estabelecidos.

Moraes (2005) afirma que, do ponto de vista espacial, a formação de um território é cumulativa “que articula os resultados de formas de sociabilidade não necessariamente continuas e sincrônicas” (p. 54). O território também se torna responsável pela formação da identidade do espaço, visto que nesses casos, a “formação territorial articula uma dialética entre a construção material e a construção simbólica do espaço” (p. 58) unificados em um mesmo processo social, econômico e cultural. Partindo do pressuposto de que o território ganha uma identidade, Reis (S.I.) afirma que essa não é a do próprio território, mas sim da coletividade que o produz e nele vive, sendo que afirma que “é a produção humana a partir do uso dos recursos que dão condições a nossa existência”.

Um fator que não deve ser omitido durante o processo de formação dos territórios é a territorialidade, que são as totalidades das relações efetivadas no território. As territorialidades são oriundas das dinâmicas sociais e, para que se compreendam os territórios, é necessário conhecer as territorialidades que os compõem (GIL, 2004). Juntamente com a inserção dos migrantes nordestinos na região, houve também a inserção de novas territorialidades trazidas por eles. As territorialidades podem ser compreendidas como as características que compõem as sociedades, sejam elas dos autóctones ou dos migrantes e devem ser consideradas no processo de análise das identidades culturais, uma vez que estas representam as características culturais das localidades.

As territorialidades nordestinas em Anastácio

Em Anastácio, os migrantes nordestinos ao chegarem à região, criaram seus territórios na área rural do município, originando as colônias típica e puramente nordestinas, onde eram realizadas festas e o modo de vida era mantido como o de sua região de origem. Estes territórios permanecem até os dias atuais, no entanto, algumas características se perderam com o passar dos anos, mas ainda representam redutos da migração nordestina no município.

Os migrantes inseriram suas territorialidades na localidade através, principalmente, da gastronomia e hábitos culturais, como o modo de falar, as músicas, as danças; que são observadas na cidade, tanto nas festas como nas casas dos migrantes e descendentes. Muitos migrantes que residem na área urbana do município afirmam manter os hábitos gastronômicos ainda em Anastácio, uma vez que este é considerado o mais fácil de ser mantido, pois faz parte do dia-a-dia de suas famílias. Essa característica é citada na entrevista com um migrante, onde ele diz que

“a alimentação mesmo é praticamente a de lá. O que eu posso continuar com as minhas receitas de lá, eu continuo. Pouca coisa eu utilizo daqui. Então, a maneira de cozinhar, a maneira de... O comportamento que eu tinha lá, caseiro, eu praticamente tenho aqui também. Eu não sou muito de estar viajando, de estar fazendo passeios, é muito difícil. E a minha vida é aquela vidinha pacata que eu tinha lá mesmo com a minha família, porque eu morava no sítio lá, e aqui, é uma cidade pequena, não tenho família, tenho amizades, as crianças também têm amizades, que é importante” (entrevista Tereza, realizada em 07/05/2010).

Os descendentes também veem na gastronomia e na cultura uma forma de transmitir as territorialidades de seus antepassados que migraram para a região. No tocante a cultura, os principais hábitos recebidos e repassados para seus familiares são a literatura de cordel, músicas (forró), danças e o repente.

“Mantenho, principalmente, pela comida, assim algumas coisas, algumas culturas, a gente mantém e acaba passando para os filhos também. (...) Ensino elas (as filhas) a comida nordestina, converso muito sobre a cultura nordestina, sobre a dança, os repentistas, a literatura de cordel” (entrevista Rosemeire, em 05/05/2010).

As territorialidades nordestinas encontradas em Anastácio também são percebidas por aqueles que não possuem relação com os migrantes (descendentes ou familiares), uma vez que a população local também caracteriza a cidade como sendo um local onde a manifestação cultural nordestina se evidencia dentre os demais presentes no local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, algumas características observadas nas sociedades atuais é que, cada vez mais, podem ser encontrados múltiplos territórios e múltiplas culturas em uma mesma localidade. As sociedades são constituídas por diferentes pessoas, originárias de diversas lugares – os migrantes, sejam temporários ou permanentes – e que ao se deslocarem, inserem no local de destino, seus hábitos, costumes, tradições, ou seja, contribuem com elementos da sua cultura exógena para o processo de aculturação local.

Essa característica pode ser observada no município de Anastácio, onde a presença de migrantes gaúchos e nordestinos é expressiva, desde seu processo inicial de formação do município. Dentre essas, as manifestações culturais inseridas pelos migrantes nordestinos são as mais expressivas na cidade, expressada principalmente pela Festa da Farinha de Anastácio. Um evento de cunho gastronômico, criado em 2006, com o objetivo de promover econômica e turisticamente o município, e também representar a cultura nordestina presente em Anastácio. A Festa da Farinha de Anastácio representa a cultura nordestina no município, no entanto, ela levanta uma dúvida importante: até que ponto uma cultura exógena – inserida através de migrações – é capaz de representar uma sociedade ou grande parte dela, ou ainda, se tornar um atrativo turístico e ter, da sociedade local a legitimação da consolidação desse evento?

A cultura, enquanto fator de diferenciação das populações (proposta apresentada por Cuche) atua nessa localidade como uma forma de identificação territorial dos migrantes nordestinos que se estabeleceram em Anastácio; uma vez que estes inseriram suas territorialidades e, estas por sua vez, são perceptíveis dentro da sociedade anastaciana tanto nas pessoas que residem na área urbana (sotaques, expressões, vestimentas, organização familiar) quanto na estrutura da cidade (comércio, casas, lojas).

A cultura nordestina em Anastácio está presente no cotidiano da população desde os primórdios da sua constituição. Como reflexo do período inicial de inserção dos migrantes no município e a receptividade encontrada pelos mesmos na cidade, a adaptação dos nordestinos foi relativamente rápida, uma vez que afirmam que encontraram em Anastácio um “ambiente nordestino” fazendo referência ao seu local de origem, que é descrito através do “sossego e tranquilidade” do município. Tal “ambiente nordestino” visualizado em Anastácio é

justificado pelo fato de que os próprios migrantes nordestinos identificam características de suas regiões de origem na cidade. Entretanto, o que é identificado pelos migrantes é relativo aos hábitos cotidianos, especialmente os alimentares (gastronomia), o que propõe duas linhas de pensamento: a primeira, que eles observam esses aspectos dentro de suas próprias residências; e a segunda, que os observam durante o período da Festa da Farinha de Anastácio. A primeira é fortalecida pelos dados obtidos na pesquisa, uma vez que os migrantes afirmam que a gastronomia é o hábito cultural que eles mantêm mais expressivamente.

Dessa forma, neste caso, a cultura se caracteriza como uma forma de transformação e adaptação que os migrantes nordestinos inseriram ao se fixarem em Anastácio, uma vez que suas características culturais constituem e tornaram-se uma das principais expressões da identidade territorial multicultural anastaciana, sendo aceita tanto pela população diretamente ligada aos migrantes (próprios migrantes e descendentes) como pela população não relacionada aos migrantes (anastacianos e migrantes ou descendentes de outras regiões).

Os movimentos migratórios dos pernambucanos para Anastácio ocorreram em virtude da migração familiar. Em alguns casos, as famílias saíram de suas cidades em busca de melhores condições de vida, uma vez que a maior parte dos migrantes é oriunda da região do Agreste Pernambucano; ou foi encontrar algum conhecido ou familiar que já havia migrado para a região de Anastácio.

Quando se fala em “família” para estes migrantes não significa apenas um pequeno núcleo familiar (pais e filhos), mas sim, a todo um grupo familiar. O fato de as migrações terem sido feitas em grupos familiares contribuiu também para a adaptação dos migrantes a Anastácio, somando-se a isso, o povo hospitaleiro que dizem ter encontrado na região e a estrutura da cidade (uma cidade pequena, tal como as que deixaram no Nordeste).

A migração nordestina para Anastácio ocorreu através das redes sociais que se estabeleceram entre as localidades; dessa forma, para compreender o processo migratório para o município de Anastácio é necessário analisar desde as localidades de onde emigraram, até as inserções culturais que ocorreram em Anastácio, considerando todas as redes sociais que se estabeleceram (e ainda se mantém) ao longo de todo o período dos deslocamentos.

As redes sociais são responsáveis pela conexão entre indivíduos, grupos e regiões; também constituem uma forma de análise para a organização espacial das sociedades e dos territórios. As redes de migração nordestina para Anastácio se formaram a partir de três pilares: o ambiente semelhante ao Nordeste, à presença de amigos e/ou familiares em Anastácio, e a influência do Tenente Valério.

A partir da chegada do primeiro grupo de migrantes em Anastácio, por volta dos anos 1980, ocorreu a inserção dos hábitos culturais nordestinos na cidade que, com o passar dos anos, deu origem ao que os entrevistados durante a pesquisa nomearam com “o ambiente nordestino em Anastácio”, dessa forma, esse território nordestino encontrado no interior do Mato Grosso do Sul pode ser considerado como um dos pilares para a formação das redes de migração do Nordeste para Anastácio, em virtude de que esse ambiente se tornou uma das razões para as demais migrações ocorrerem.

No caso dos fluxos migratórios de nordestinos para Anastácio, outra importante rede que se formou foi a familiar, uma vez que todos os migrantes entrevistados afirmaram ter familiares que já residiam na região e isso foi um fator decisivo para que a migração ocorresse. Também deve ser observado que a rede de migração familiar sempre está associada com a busca melhores condições de vida, tendo como pano de fundo a região de origem desses migrantes, o Agreste Pernambucano. Esses movimentos migratórios estiveram, e muito, relacionados com essa busca, principalmente da parte dos patriarcas das famílias (muitos migraram motivados pelo sofrimento que os filhos e descendentes passavam – ou passariam – se continuassem residindo em Pernambuco).

Não menos importante, a rede de migração que se estabeleceu a partir do Tenente Valério também se constituiu em um “caminho” para que essas migrações ocorressem. O papel exercido pelo Tenente Valério – como agenciador e promotor dos deslocamentos e também como agente receptor em Anastácio – foi de grande importância para a fixação desses migrantes na localidade; uma vez que, mesmo que alguns dos migrantes nordestinos tenham passado por pequenos períodos residindo no interior paulista, eram “redirecionados” para Anastácio pelo Tenente Valério, pois ele possuía propriedades rurais onde estabelecia esses migrantes. O percentual de “desistências” da mudança para Anastácio era pequena, pois o deslocamento era muito bem organizado e controlado pelo próprio Tenente, e também por ele ser temido entre os nordestinos (na época, era comum a morte de homens em duelos onde era

“lavada a honra” – uma vez empenhada a palavra, esta era mantida até que se cumprisse o combinado. Esse antigo hábito nordestino acerca da honra das famílias pôde ser observado em Anastácio, nos primeiros anos de inserção dos migrantes nordestinos na localidade, até mesmo o Tenente Valério²⁴ perdeu a vida em um desses duelos).

Em algumas localidades, quando ocorre a inserção de novas pessoas, surge uma espécie de tensão entre os estabelecidos (autóctones) e os *outsiders* (migrantes), conforme proposto por Elias e Scotson (2000). No estudo apresentado em *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações a partir de uma comunidade*, os autores mostraram que residentes há mais tempo estabelecidos na localidade estabeleceram uma clara divisão entre eles e os forasteiros, ou seja, migrantes (os recentes estabelecidos); não havendo apenas a separação entre os grupos, mas também a estigmatização e exclusão na organização social local, para afirmarem sua superioridade sobre os novos moradores do local (ELIAS e SCOTSON, 2000).

Apesar desse “conflito” ser encontrado em alguns estudos de migração, em Anastácio, foi possível observar algo semelhante a esse processo apenas no início da inserção dos primeiros migrantes nordestinos no local, fato que não perdurou por mais tempo. Posteriormente ao primeiro contato entre os migrantes e a população local – os estabelecidos e os *outsiders* – iniciou-se uma melhor relação entre os indivíduos. Os migrantes foram bem aceitos pela população anastaciana, uma vez que, tanto migrantes quanto população ao serem entrevistados, afirmaram que as relações que se estabeleceram e se estabelecem atualmente entre os anastacianos e os migrantes/descendentes nordestinos são boas.

Entre os migrantes entrevistados, aqueles que se deslocaram para Anastácio por vontade própria, identificam na localidade algumas das características semelhantes a aquelas que eram vistas em seu cotidiano no Nordeste. Uma dessas semelhanças é atribuída ao “povo que mora em Anastácio”, afirmação que fortalece o reconhecimento da presença nordestina

²⁴ A morte do Tenente Valério foi a decorrência do envolvimento amoroso de um de seus filhos com uma sobrinha do Tenente. Como na época os “namoros” aconteciam apenas entre casais que se casariam, quando o filho do Tenente Valério recusou-se a casar com a própria prima, o irmão da moça exigiu do Tenente o casamento do primo com a irmã. Na época o Tenente Valério era considerado como um juiz (justiceiro) – quando ocorriam situações semelhantes, ele obrigava os envolvidos a casarem-se – não obrigou seu filho a casar com a prima. Diante da negativa, Zezinho Valério (irmão da moça e sobrinho do Tenente) lavou a honra da irmã, assassinando o Tenente Valério, seu próprio tio, por volta de 1974. O episódio rendeu ainda mais assassinatos (alguns membros da família do tenente assassinaram aqueles que haviam instigado Zezinho Valério a matar o tio) e é lembrada pela população até os dias atuais (Zezinho Valério veio a falecer no ano de 2010). (Fonte: história oral – conversa informal com José Edson dos Santos – em: 28 de fevereiro de 2011).

(em quantidade de pessoas) na cidade, pois essa característica é observada tanto pelos migrantes como pelos autóctones.

Todavia, aqueles que foram “forçados” (no sentido que foram, em muitos casos, influenciados pela própria família) a se estabelecerem em Anastácio, não se identificaram com a localidade tão rapidamente quanto os demais, pois, segundo os entrevistados, uma vez que tiveram que abandonar seu modo de vida nas cidades onde nasceram, cresceram e casaram; não havia como “gostar” de um lugar onde foram obrigados a se estabelecerem. No entanto, passado esse período de adaptação e fixação, passaram a gostar da vida em Anastácio, exatamente por que a cidade continha na sua cultura semelhanças com o Nordeste.

O uso do conceito e da metodologia das redes sociais é pertinente aos estudos sobre os movimentos migratórios, pois, na maioria dos casos, as migrações se estabeleceram a partir de contatos entre a localidade de origem e a de destino, ligando os pontos da rede através dos fluxos de pessoas. As redes também são consideradas como responsáveis pelo multiculturalismo das sociedades, uma vez que o estabelecimento de pessoas originadas de outras regiões carrega consigo a inserção de novas culturas em uma mesma localidade; dessa forma, as redes atuam como veículos de novas inserções culturais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- ARAÚJO, A. P. **Planejamento e Organização do Turismo**. Aquidauana-MS: S. Ed., 2008 (material de aula ministrada no curso de Turismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Aquidauana).
- BAENINGER, R. A. Novos espaços de migração no Brasil: anos 80 e 90. IN: **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**. Belo Horizonte: ABEP, 2000.
- BRAGA, F. G. Migração interna e urbanização no Brasil contemporâneo: um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil (1980/2000). IN: **Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambu: S.ed., 2006.
- CABRAL, S. et al. **Anastácio 38 anos**. Campo Grande, MS: Gráfica e Editora Alvorada, 2003.
- CAMARANO, A. A. Movimentos migratórios recentes na região Nordeste. IN: **Anais do 1º Encontro Nacional sobre Migração**. Curitiba, ABEP, 1998. v.1.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. – São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2007.
- CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- DENNING, M. **A cultura na era dos três mundos**. São Paulo: Francis, 2005.
- DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. IN: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; e CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- ELIAS, N. e SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FAZITO, D. A análise das redes sociais (ARS) e migração: mito e realidade. IN: **Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Ouro Preto, 2002.
- FONTES, P. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- GIL, I. C. Território e desenvolvimento contemporâneo. IN: FERNANDES, B. M. et al. **Revista Nera**. Presidente Prudente, SP: Grupo de Estudos, Pesquisa e Projeto de Reforma Agrária – FCT/UNESP, 2004.
- GUILLEN, I. C. M. Seca e migração no Nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. IN: **Trabalhos para discussão – Fundação Joaquim Nabuco**. nº

111, agosto, 2001. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/111.html> (acesso em: 10 de dezembro de 2010).

HAESBAERT, R. A noção de rede regional: reflexões a partir da migração “gaúcha” no Brasil. IN: **Revista Território**. Ano III, nº 4, jan/jun, 1998.

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. IN: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade São Paulo, março/2005.

_____. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. IN: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; e CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Territórios Alternativos**. – Niterói: EDUFF, São Paulo: Contexto, 2002.

IORIS, R. R. **Culturas em choque: a globalização e os desafios para a convivência multicultural**. São Paulo: Annablume, 2007.

JANNUZZI, P. de M. **Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

MARTINE, G. A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80. IN: **Textos para discussão 329**. Brasília: IPEA, 1994.

MATOS, R. e BRAGA, F. Redes sociais, redes territoriais e migração. IN: **Anais do XIV Encontro Nacional dos Estudos Populacionais – ABEP**. Caxambú, MG, 2004.

MATOS, R. E. J. A. A contribuição dos migrantes em áreas de desconcentração demográfica do Brasil contemporâneo. IN: **Revista Brasileira dos Estudos de População**. Campinas, 2002. v. 19, nº 1, p.p. 49-72.

MELA, A. **A sociologia das cidades**. Lisboa: Estampa, 1999.

MIRANDA, A. Sociedade da Informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. IN: **Revista Ci, Inf.** [on-line] 2000, v. 29, nº 2, p.p. 78-88.

MIRANDA, D. S. de. Reflexões sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo. IN: **São Paulo Perspec** [on-line]. 2000, v. 14, nº 4, p.p 105-110.

MITIDIERO JR, M. A. **A Agricultura Capitalista no Brasil – Territorialização: conceito explicativo pela luta da terra?**. [S.I.]. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra9/territorializacao.html> (acesso em: 29 de Abril de 2009).

MORAES, A. C. R. **Território e história do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

OLIVEIRA, A. T. e SIMÕES, A. G. Deslocamentos populacionais no Brasil: uma análise dos censos demográficos de 1991 e 2000. IN: **Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP**. Caxambu, MG, 2004.

OLIVEIRA, K. F. e JANNUZZI, P. de M. Motivos para migração no Brasil e retorno para o Nordeste. IN: **Revista São Paulo em Perspectiva**. v. 19, nº 4, p.p. 134-143, out/dez 2005.

PACHECO, C. A. e PATARRA, N. Movimentos Migratórios nos anos 80: Novos Padrões? IN: **Anais do Encontro Nacional sobre Migrações**. Curitiba: ABEP, 1997.

REIS, J. **Uma epistemologia do território**. [S. I.] Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/jr/publico/ecoterrit/2006epistterit.pdf> (acesso em: 27 de abril de 2009).

ROBBA, C. **Anastácio: ontem e hoje**. Aquidauana, MS: S. Ed., 2006.

ROCHA, A. R. P. e MONASTIRSKY, L. B. A dialética entre o global e o local: um olhar sobre o turismo e o patrimônio cultural. IN: **Revista Terr@Plural**. Ponta Grossa: UEPG, jan/jun 2008.

ROCHA, M. M. No meio do caminho a teia se forma: Redes alternativas nas brechas de um capitalismo em crise. IN: MENDONÇA, F. de A.; LOWEN-SAHR, C. L.; e SILVA, M. da. **Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e fazer geográfico**. – Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009.

SACK, R. **Human Territoriality: it's theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, G. **Estado, redes sociais e fronteira: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos**. Universidade Federal de Santa Catarina – PPGGeo/CFCH: Florianópolis, 2007.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

_____. O retorno do território. IN: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; e, SILVEIRA, M. L. **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. O território e o saber local: algumas categorias de análise. In: **Cadernos IPPUR**, n. 2, 1999.

SCHNEIDER, S. e TARTARUGA, I. G. P. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas dos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. IN: **Revista Raízes**. Volume 23, nº 01 e 02, jan-dez, 2004.

SCHÖRNER, A. Questões teórico-metodológicas sobre migração: os deslocamentos populacionais entre as idéias de expulsão-atração e de motivações-razões. IN: **Anais da V Semana de História – História: Espaços Simbólicos – Seminário de Estudos Étnicos Raciais**. Irati, PR: UNICENTRO, 2009.

SILVA, S. et al. Anastácio/MS: Análise institucional e qualidade de vida. IN: GABRIEL, M. L. A. et al (orgs). **Revista ECETUR – Encontro Científico de Estudantes de Turismo**. Três Lagoas, MS: AEMS, 2005/2006.

SOARES, W. **Da metáfora a substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. Belo Horizonte, MG: CEDEPLAR/UFMG, 2002.

SODRÉ, N. W. **Síntese da história da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. IN: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; e CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

VALÉRIO, C. **Breve história de Anastácio: A Margem Esquerda**. Campo Grande, MS: Gráfica e Editora Alvorada, 2002.

VALIM, A. **Migração: da perda da terra à exclusão social**. São Paulo: Atual, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE 01: Histórico de Anastácio-MS

No início da colonização da região sudoeste do então Estado de Mato Grosso²⁵, os rios - entre eles o Aquidauana - se constituíam nas principais vias de transporte. A história de formação e criação do município de Anastácio está relacionada com a chegada, em 1870, do marinheiro italiano Vicente Anastácio na região de Nioaque que era, na época, um lugar referencial para quem tivesse intenção de se estabelecer e comercializar produtos e serviços. Em 1871, Vicente Anastácio casou-se com Teodora Machado, de uma família de grande influência da região. Na busca por melhores terras para sua atividade comercial, ele procurou por uma propriedade mais próxima as redes fluviais, adquirindo a fazenda de Santa Maria na margem esquerda do Rio *Mboteteu* – atual Rio Aquidauana, onde comercializava couros, crinas, secos e molhados (CABRAL et al, 2003).



Figura 11: Vicente Anastácio e família

Fonte: CABRAL, 2003.

A Margem Esquerda era de grande importância para a criação do município vizinho, Aquidauana (do qual era considerado como um bairro), por apresentar condições seguras de

²⁵ O Estado de Mato Grosso foi dividido em 11 de Outubro de 1977 pelo presidente General Ernesto Geisel, originando assim o Estado de Mato Grosso do Sul.

atracamento, servia de posto de recebimento e envio de mercadorias, que à época era realizado através do transporte fluvial.



Figura 12: Avenida Porto Geral (início da formação de Anastácio)

Fonte: CABRAL, 2003.



Figura 13: Balsa atracada no Porto Geral (Margem Esquerda)

Fonte: CABRAL, 2003.

Além de Vicente Anastácio, outras pessoas foram importantes para o desenvolvimento do pequeno vilarejo que passou a se formar na Margem Esquerda, como o italiano José Cândia e o sueco Augusto Ekberg Anderson. José Cândia foi o primeiro proprietário da Casa Cândia, que na época funcionava como armazém e banco, onde os grandes fazendeiros da região deixavam guardados seus rendimentos e faziam compras. Augusto Ekberg Anderson montou a primeira serraria movida a vapor na margem esquerda, próximo ao Porto Geral, onde eram atracados os barcos e chalanas que levavam e traziam produtos para abastecer o vilarejo (VALÉRIO, 2002; CABRAL et al, 2003).



Figura 14: José Cândia – primeiro proprietário da Casa Cândia

Fonte: VALÉRIO, 2002

Muitos outros migrantes e não-migrantes foram importantes para a construção e constituição da sociedade anastaciana ao longo dos anos. Robba (2006) lista os seguintes nomes:

- Estevão Alves Corrêa e sua esposa, Inocência Mascarenhas Corrêa (que doaram o terreno onde iniciou o povoado que deu origem a Anastácio);
- Padre Julião Urquia;
- João Gomes da Silva (lindeiro com o terreno);
- Miguel João de Castro (que construiu a primeira casa na margem esquerda, segundo o Padre Chiquinho Francisco Alves Corrêa Filho);
- Pedro Pace, Antonio Caffaro, José Cândia, Fidelis Cândia, Vicente Cândia e Pascoal Cândia (sendo os irmãos Cândia os fundadores da Casa Cândia, que mantém suas atribuições iniciais até os dias atuais);

- Os irmãos Anderson (Augusto Ekberg Anderson e Augusto Peres Anderson) que realizavam os serviços do Porto; entre outros.

Dentre culturas que compõe a cultura anastaciana, os indígenas e os pantaneiros, podem ser consideradas como as “culturas locais”, pois são originárias da própria localidade. Os indígenas são considerados muito influentes na região, especialmente na área urbana, em virtude da Aldeinha, com cerca de 400 moradores (indígenas). Os migrantes foram muito importantes no processo de formação do município de Anastácio, recebendo em maior número os migrantes internos. As migrações gaúcha e nordestina foram as que mais se destacaram.

Migração gaúcha

Sobre a migração gaúcha, o Valério (2000) data seu início por volta de 1939, com a chegada de Garibaldi Medeiros e sua esposa Silvéria Medeiros à Margem Esquerda. Outras famílias que migraram do Rio Grande do Sul para Anastácio e contribuíram para a formação do município (sendo lembradas até os dias atuais) foram a Família Paim (Afonso Martins Paim e Bernardina Nogueira Paim), Família Figueiredo (Joaquim Figueiredo e Joana Figueiredo), Família Ragalzzi (Antônio Ragalzzi), Família Vargas (Nocildo e Ernandes Vargas), Família Ferreira (Ramão Ferreira), Família Medeiros (Vicente Medeiros) e Família Corrêa (Ademir Alves Corrêa). Segundo Cabral et al (2003), os migrantes gaúchos inseriram muitas características próprias em Anastácio, pois se destacam principalmente através da música, sendo homenageados com a criação do Clube Rancho Pantaneiro.

Migração nordestina

A presença de migrantes nordestinos em Anastácio é decorrente do processo histórico de formação do município, pois houve uma grande emigração dos estados da região nordeste para a zona rural. Os primeiros nordestinos a chegarem na região, na década de 1920, foram: Severino Batista da Silva, Ladislau Gomes de Brito, Antonio Carneiro de Arruda, e José Valério da Silva, o “Tenente Valério” (ROBBA, 2006). A presença nordestina na localidade se acentua pela música, dança, gastronomia (comidas e bebidas típicas), com relação à estrutura das casas e vilas. Dentre as características culturais nordestinas, a que mais se destaca socialmente é a música, dessa forma, Anastácio ganhou o Clube Forrozão (CABRAL et al, 2003) e, posteriormente, o evento Festa da Farinha de Anastácio, que destaca a gastronomia e músicas dos nordestinos presentes em Anastácio.

Os migrantes se estabeleceram, principalmente, na área rural do município, sendo a Colônia Pulador é considerada como uma referência para os estudos históricos acerca de Anastácio, devido a alta densidade de colonos nordestinos que se fixaram naquela região; e também pela importância econômica que a colônia possui, por ser uma grande fornecedora de produtos agrícolas (mandioca, arroz, banana, abacaxi) e a produção de leite e seus derivados).

APÊNDICE 02. Habitantes do Pantanal: homens pantaneiros e indígenas.

O homem pantaneiro

O homem pantaneiro que há mais de duzentos anos habita o Pantanal aprendeu a conviver, em harmonia com o seu mundo inundado, úmido ou seco. Quando se fala em cultura pantaneira, não se pode deixar de mencionar além do ambiente natural em que vive a diferença entre o pantaneiro, o peão e o fazendeiro, todos interligados e chegando mesmo a confundir-se, nos costumes hábitos e crenças. Todos ligados a um conjunto econômico que configura as tendências culturais de um, em oposição à cultura mais requintada do fazendeiro, que valoriza uma tradição mais feudal (ou mesmo burguesa) que normalmente prefere viver no conforto da cidade, como também há os fazendeiros que preferem viver nas fazendas mantendo um alto padrão de vida.

Os peões, homens afeitos à vida rude do campo e à lida com o gado, gente de quase ou nenhuma alfabetização, vivem praticamente isolados nas fazendas, longe mesmo de parentes ou família. São diferentes dos pantaneiros, em apenas alguns aspectos, como não mantendo moradia fixa, trabalhando de fazenda em fazenda, onde oferecer trabalho, e o aspecto parecido com o pantaneiro, está em nunca sair do pantanal; como a mão-de-obra em uma região isolada como o Pantanal é sempre bem vinda, sempre acham trabalho, como funcionários ou fazendo empreitadas. Apesar dessa aparente liberdade, a vida do peão gera uma forte relação com o proprietário da fazenda, constituindo-se um elemento de confiança do patrão.

É um tipo típico da região - o peão do Pantanal difere-se dos demais peões pela indumentária necessária ao meio em que habita, região sujeita a alagação por ocasião das chuvas e pelos trasbordamentos dos rios, que lhe dá uma rotina completamente diferenciada. Nas fazendas o peão mora junto as sede, com relativo conforto, ou em locais afastados da sede chamados de retiros, onde muitas vezes habita em choupanas rústicas, cobertas de palha e chão de terra batida, e dorme em rede. Esses retiros afastados são em consequências das fazendas serem muito extensas e a necessidade desses locais afastados para um melhor controle da criação.

Toda generalização, em relação a peões e fazendeiros, não pode abranger todo o seu universo, os níveis de vida variam muito de fazenda para fazenda e derivam da mentalidade de cada proprietário. Sua principal tarefa consiste em conduzir o gado ante qualquer prenúncio de cheia, para os pontos mais elevados das pastagens. A vida do peão está ligada estreitamente a natureza, ao mundo ao seu redor; exemplo disso está no seu modo alimentar, muito simples, reduzido a três repletas refeições diárias à base de arroz, mandioca, farofa, feijão, carne em abundância, peixe à vontade, e verduras raramente. A primeira refeição, feita ao amanhecer, o que chamam de quebra-torto, e para passar o dia trabalhando no campo, o peão leva a matula. E o tereré, tomado antes do almoço e no meio da tarde. Outra peculiaridade do peão que o caracteriza como um homem simples são suas receitas medicinais como: melado de aroeira, sendo excelente para torções e fraturas, gordura de sucuri tira bronquite, entre outros.

O pantaneiro, no passado dizia-se que era o caboclo ou mestiço, filho de branco com índio, de cabelos lisos, cor acobreada, queimado de sol e habitante da região do Pantanal, mas não existe um estudo científico e comprovado sobre sua sociedade, costumes e hábitos, o que ocorre, são pesquisas e levantamentos sobre seu habitat e suas peculiaridades, habitando num mundo, onde as condições são ímpares, seja ele pantaneiro, peão, morador da cidade ou mesmo o fazendeiro, integrado a tudo que o rodeia. É um homem simples, calmo, resistente, acostumado ao sertão, e a solidão, se alimenta do que colhe, planta ou cria, também de peixes tão abundante na região, frutas silvestres e raízes. O pantaneiro é um conhecedor de plantas e mantém com elas um relacionamento diário. Para orientação e locomoção no Pantanal, ele observa como marco uma piúva ou um capão que, ao recém-chegado, parece igual a centenas de outras; onde tem caeté, o carro atola.

O trabalho no campo exige do pantaneiro habilidade e grande resistência, para passar grande parte do dia em cima das montarias. Os arreios sofreram modificações ao longo do tempo, como o acolchoado que antes era de capim passou mais tarde para pele de animal, e assim várias outras indumentárias foram mudando com o tempo. O homem pantaneiro, cujo caráter se moldou na forja, de tantas outras cheias anteriores, recebe o fenômeno com absoluta serenidade e não se angustia na espera de que abaixe o nível das águas. O Pantanal, visto como um todo, é uma realidade em rápido processo de transformação de novos conceitos e moderna tecnologia; o homem pantaneiro, seja proprietário da fazenda, o peão ou o índio, não poderá ficar imune a tão fortes influências. A água enquanto isso, vai extravasando o leito dos rios, ilhando as sedes e demais casas de fazenda, forçando seus poucos habitantes a um inevitável confinamento.



Figura 15: Homem pantaneiro

Fonte: www.planetapantanal.com (acesso em: 10 de janeiro de 2011)

O indígena

O indígena está restrito a uns poucos, elementos de tribos remanescentes e vivem em inexpressivas comunidades. Poucas dessas tribos indígenas conseguiram sobreviver como grupo até os dias atuais. Ao que o fizeram encontram-se sob processo de aculturação e são descaracterizados por mestiçagem. Kadiwéus e Terena – ambos marcando presença por meio do artesanato de cerâmica - às vezes vendidos em feiras livres ou em casas de artesanatos, são algumas dessas tribos, remanescentes.

Tratando-se de alguns aspectos básicos da cultura pantaneira, não pode deixar de mencionar certos fatores preponderantes para a configuração do universo do pantaneiro tais como: seu distanciamento dos centros urbanos; isolamento devido a deficiências do acesso; proximidade de dois países latino-americanos e o convívio amistoso com ambos.

Com o desmatamento nas cabeceiras dos rios, o uso indiscriminado de agrotóxico, o contrabando de animais entre outros, causa um grande problema ecológico ao Pantanal e vários outros fatores ajudaram no empobrecimento do homem pantaneiro, perdendo áreas produtivas, reduzindo seus rebanhos, e com as cheias atípicas desses últimos 18 anos, mais a falência das atividades tradicionais da planície, o pantaneiro sem apoio a tecnologia disponível para as outras regiões, busca alternativas de sobrevivência em outros lugares. Muitas fazendas foram vendidas a pessoas ou a grupos que, por falta de conhecimento das características regionais ou por falta de cuidados adequados ao meio ambiente, comprometem ainda mais a região sob pontos de vista ambiental, social e cultural.

O pescador artesanal está hoje quase na miséria, pois a alteração na qualidade da água diminui o potencial produtivo dos recursos pesqueiros, além da concorrência da pesca amadora (turística) e industrial, esta última quase sempre predatória. Este segmento da sociedade pantaneira tem, em parte, se transformado em coureiros (caçadores de jacaré) e parte migrado para os grandes centros urbanos, engrossando as fileiras de mão-de-obra desqualificada, aumentando ainda mais a miséria dessa gente.

O fato é que ao longo da história, confinado nestas distâncias, o pantaneiro acabou por transformar-se num criativo improvisador, adaptador de meios capazes de garantir-lhe a supremacia sobre os elementos naturais, através de intervenção pacífica no sistema ecológico, a fim de conciliá-lo práticas domésticas e as atividades concernentes ao trabalho rural desenvolvidos nas fazendas.



Figura 16: Artesanato Terena

Autor: TREVIZAN, P., 2011

APÊNDICE 03: A Festa da Farinha de Anastácio (MS)

No município de Anastácio, localizado na região centro-oeste do Estado de Mato Grosso do Sul, é realizado evento “Festa da Farinha de Anastácio”, com o objetivo de promover o município turisticamente e também à produção artesanal de farinha de mandioca proveniente dos assentamentos rurais, onde moram os migrantes nordestinos que fazem parte da formação populacional e cultural da sociedade anastaciana.

A localidade apresenta potencialidade turística em recursos naturais, no entanto, não possuía destaque na atividade (seja em âmbito regional ou estadual), sendo considerada como uma cidade de trânsito, através das quais, os fluxos de turistas em direção ao Pantanal (Sul) apenas se deslocam pelo seu espaço.

Na busca de desenvolver os atrativos turísticos em Anastácio, bem como estimular a economia local e criar alternativas para o lazer e o entretenimento da população local, no ano de 2006 a Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável, com a participação de um turismólogo local (à época, vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), criou a Festa da Farinha de Anastácio-MS com o intuito de promover o município em âmbito estadual, gerar renda e desenvolvimento para o município e os produtores de mandioca locais; além de divulgar a produção artesanal de farinha de mandioca proveniente dos assentamentos rurais locais, principalmente, da Colônia Pulador, onde se concentram grande parte dos migrantes e descendentes nordestinos da localidade. O evento acontece uma vez por ano no município de Anastácio-MS, sendo que sua data de realização coincide com a semana de comemorações do aniversário da cidade.

A Festa da Farinha de Anastácio tem duração de dois dias, possui a estrutura de uma grande feira, com barracas de artesanato (local e nordestino), alimentação tipicamente nordestina (tapioca, buchada de bode, pastel e paçoca de carne seca, bolinho de folha de mandioca, bolo puba, beiju, suco e “viagra” da mandioca, entre outros). As atrações do evento estão sempre relacionadas com as atrações nordestinas, nas últimas três edições da festa, as principais atrações foram cantores famosos da Região Nordeste – Dominginhos, Alceu Valença, Caju & Castanha e Elba Ramalho, além dos repentistas Zé Viola e Daudeth Bandeira e o forró pé de serra de Deni Santos.

A cultura encontrada em determinadas sociedades é composta por elementos que caracterizem estas sociedades. Dentre esses elementos, destaca-se a gastronomia que, segundo Schütler (2003, p. 27), muitas vezes constitui a identidade de uma sociedade, além de “constituir uma linguagem mediante a qual está expressa de maneira inconsciente”. Ainda segundo a autora, a gastronomia “é um fator de diferenciação cultural que permite aos integrantes a manifestação de sua cultura” (p. 32), sendo que a identidade é caracterizada como uma “construção simbólica” e, também, a gastronomia pode ser utilizada como uma forma de divulgar a identidade de uma localidade.

Uma alternativa encontrada para a divulgação da gastronomia de uma localidade e, conseqüentemente, sua identidade, são os eventos, onde a gastronomia pode “constituir-se no centro do evento por si mesma ou associada a alguma festividade” (SCHLÜTER, 2003 p.66), tal como o Festival da Lingüiça de Maracaju-MS; a Festa do Porco no Rolete nos municípios de São Gabriel do Oeste e Sonora, no Mato Grosso do Sul; a Ocktober Fest em Blumenau-SC, entre outros.

A Festa da Farinha de Anastácio-MS surgiu como uma alternativa para promover a atividade turística no município, além de divulgar a produção artesanal de farinha de mandioca e gerar desenvolvimento e renda para a localidade. No evento em questão, a III Festa da Farinha de Anastácio, pode considerar que sua demanda está satisfeita com o evento e, que apesar de ser composta mais por pessoas da população local, está bastante divulgado, dessa forma, atingindo ao objetivo da organização, de promover a cidade e a produção artesanal de farinha de mandioca, proporcionando o fomento da atividade turística no município, que irá acarretar na geração de renda tanto para o município quanto para os produtores de mandioca (diretamente no período da festa, e, indiretamente nos outros períodos do ano, pois os produtos que são comercializados no evento podem vir a assumir o caráter de *souvenirs* para os turistas).

APÊNDICE 04. Pesquisa quantitativa com a população de Aquidauana (MS)

O município de Aquidauana é vizinho ao município de Anastácio, separados apenas por um rio – Rio Aquidauana. Apesar da proximidade entre os dois centros urbanos, as manifestações culturais mais expressivas da localidade são diferentes das encontradas em Anastácio. Aquidauana apresenta suas manifestações culturais mais voltadas para a presença pantaneira e indígena na região, conforme dados obtidos na pesquisa com a população aquidauanense.

A pesquisa com a população residente na área urbana de Aquidauana foi voltada para a percepção da presença nordestina em Anastácio. Foram realizadas 50 entrevistas durante o mês de junho de 2010, com pessoas escolhidas aleatoriamente pelas ruas de Aquidauana (em geral, pessoas em frente às próprias casas), de diferentes faixas etárias e tentando manter uma proporcionalidade entre pessoas do gênero feminino e masculino, com questionários objetivos aplicados.

Foram abordadas questões acerca da percepção cultural de Anastácio, com o objetivo de legitimar a expressão da manifestação da cultura nordestina (em virtude do grande número de migrantes nordestinos em Anastácio), e também, a fim de obter uma amostra da opinião da população aquidauanense acerca da cultura local e da cultura anastaciana.

TÓPICO GUIA

1. Qual o primeiro pensamento que tem quando alguém fala de Anastácio?
2. Acha que Anastácio possui algum “traço” (característica) cultural nordestina?
3. De que forma acredita que os hábitos culturais nordestinos influenciaram Anastácio?
4. Sobre a Festa da Farinha de Anastácio, considera como um evento cultural nordestino? Por quê?
5. Você acredita que as características culturais nordestinas em Anastácio se mostram de maneira expressiva (forte, permanentes) ou acha que elas mereçam mais atenção para que representem a cidade?
6. Que outra característica cultural (que não nordestina) observa em Anastácio?
7. Qual a característica cultural que observa em Aquidauana?

SINTESE DAS RESPOSTAS TRANSCRITAS

1. Qual o primeiro pensamento que tem quando alguém fala de Anastácio?

- Uma cidade em desenvolvimento (20%)
- Festa da Farinha de Anastácio (10%)
- Pescaria (10%)
- Pantaneiros (30%)
- Uma cidade igual à Aquidauana (10%)

2. Acha que Anastácio possui algum “traço” (característica) cultural nordestina?

- Sim (80%)
- Não (10%)
- Não sabe (10%)

3. De que forma acredita que os hábitos culturais nordestinos influenciaram Anastácio?

- Festa da Farinha de Anastácio – dando origem a festa (36,3%)
- Gastronomia (27,2%)
- Colônias de nordestinos no município (9,1%)
- Nas pessoas da cidade (9,1%)
- Sem resposta (18,2%)

4. Sobre a Festa da Farinha de Anastácio, considera como um evento cultural nordestino? Por quê?

- Sim (90%)
- Não participou da festa (10%)

Por quê?

- Gastronomia (35,7%)
- Atrações (21,4%)
- Representa a cultura dos nordestinos em Anastácio (14,3%)
- Modo de vestir (14,3%)
- Representa o povo nordestino em Anastácio (14,3%)

5. Você acredita que as características culturais nordestinas em Anastácio se mostram de maneira expressiva (forte, permanentes) ou acha que elas mereçam mais atenção para que representem a cidade?

- Sim (50%)
- Não (20%)
- Sem resposta (30%)

6. Que outra característica cultural (que não nordestina) observa em Anastácio?

- Indígena (40%)
- Pantaneira (40%)
- Nenhuma (20%)

7. Qual a característica cultural que observa em Aquidauana?

- Baiana (carnaval fora de época) (10%)
- Pantaneira (40%)
- Indígena (40%)
- Nenhuma (10%)

APÊNDICE 05. Pesquisa quantitativa com população anastaciana

A pesquisa quantitativa com a população urbana de Anastácio foi realizada no mês de Dezembro de 2009. Foram aplicados questionários objetivos, em que os entrevistados eram escolhidos de forma aleatória nas residências de alguns dos maiores bairros de Anastácio (Jardim Campanário, Conjunto Habitacional Araponga, Che Roga Mi, Conjunto Habitacional Novo Horizonte, Jardim Tarumã e zona central). Foram entrevistadas 115 pessoas, com idade acima de 20 anos, com a intenção de abranger pessoas dos dois gêneros, classes sociais e escolaridade, conforme se configura a sociedade brasileira segundo o IBGE. Como o objeto de pesquisa trata da cultura nordestina, buscou-se locais que são considerados neutros, ou seja, que não se caracterizem como “redutos” nordestinos. As perguntas foram elaboradas para que abrangessem diferentes camadas da população, tanto social quanto culturalmente, ou seja, independente do entrevistado apresentar ou não descendência nordestina.

O questionário está dividido em três partes, a primeira e a última delas destinadas a todos os entrevistados de forma geral, pois abrangeram o levantamento de dados gerais (local de nascimento e se é ou não migrante) e as características da população pesquisada (gênero, faixa etária, estado civil, escolaridade e renda familiar).

A segunda parte destina-se a aqueles que afirmaram ser migrantes nordestinos; e abrangia questões sobre a migração para Anastácio a partir da chegada na cidade. Foi abordada também a cultura nordestina que o entrevistado, por ser migrante, levou consigo para aquele local (se mantém os hábitos da origem em Anastácio), levantando questionamentos acerca da Festa da Farinha de Anastácio e sua representação da cultura nordestina presente na cidade. Também foram elencados os bairros de moradia dos entrevistados, para obter dados sobre a presença de migrantes ou descendentes nordestinos que residam no mesmo.

A terceira parte das entrevistas foi destinada à aqueles que afirmaram ser migrantes de outra região brasileira (que não fosse o Nordeste) e para aqueles que afirmaram ser anastacianos. Foram abordadas questões sobre o conhecimento ou não da presença e da cultura nordestina presentes em Anastácio. Acerca da cultura nordestina na cidade, foi questionado se os entrevistados conheciam algum, se o praticava no seu dia-a-dia e, se conseguia identificá-lo na cidade. Foi perguntado a esta parcela dos entrevistados também sobre a Festa da Farinha de Anastácio, para compreender de que forma este evento caracteriza ou não os migrantes nordestinos que se estabeleceram na cidade. Foram listados os bairros que residem, para saber se haviam migrantes ou descendentes nordestinos residindo no mesmo local.

ENTREVISTAS

Número de pessoas entrevistadas: 115

Equipamentos: Questionários quantitativos, com perguntas fechadas (de múltipla escolha)

Locais: Zona central e principais bairros de Anastácio (Jardim Campanário, Conjunto Habitacional Araponga, Che Roga Mi, Conjunto Habitacional Novo Horizonte, Jardim Tarumã).

Informação contextual da entrevista e do entrevistado:

- Gênero do entrevistado
- Faixa etária do entrevistado
- Estado civil do entrevistado
- Escolaridade do entrevistado
- Faixa salarial do entrevistado (renda familiar)

1. TÓPICO GUIA

1ª parte: Abertura do questionário

- Onde você nasceu?
- Se migrou, de qual região (Estado), quanto tempo?
 - Tempo de moradia em Anastácio
 - Local de origem da migração

2ª parte: Sobre o migrante nordestino

- Em Anastácio, conseguiu adaptar-se facilmente? Comente:
- Foi bem aceito? Comente:
- Você gosta de Anastácio? Por quê?
- Sendo migrante de outra localidade, consegue identificar características da sua região em Anastácio? Quais?
- Você mantém hábitos de sua região? Quais?
- Onde você mora em Anastácio?
 - Há nordestinos morando no mesmo local?
- Conhece a Festa da Farinha de Anastácio?
 - Você vai à Festa da Farinha de Anastácio?

- Quantas vezes foi à Festa da Farinha de Anastácio?
- Na sua opinião, a Festa da Farinha de Anastácio representa características da região Nordeste?
 - Quais?
- Você considera a Festa da Farinha de Anastácio como sendo uma representação de Anastácio?
 - Por quê?

3ª parte: Sobre o anastaciano ou migrante de outra região ou país

- Sabe da existência de migrantes nordestinos em Anastácio?
 - Qual a sua opinião sobre eles?
- Conhece algum hábito da cultura nordestina?
 - Quais?
- Pratica algum deles?
 - Quais?
- Identifica os hábitos da cultura nordestina em Anastácio?
 - De que forma?
- Onde você mora em Anastácio?
 - Há nordestinos morando no mesmo local?
- Conhece a Festa da Farinha de Anastácio?
 - Você vai a Festa da Farinha?
 - Quantas vezes você já foi?
- Na sua opinião, a Festa da Farinha representa as características do Nordeste?
 - Quais?
- Você considera a Festa da Farinha como sendo uma representação de Anastácio?
 - Por quê?

SÍNTESE DAS RESPOSTAS TRANSCRITAS²⁶

1. TÓPICO GUIA

1ª parte: Abertura do questionário

1. Onde você nasceu?

- Outras localidades (70,44%)

As mais citadas:

- Aquidauana-MS (28,7%)
- Campo Grande-MS (5,33%)
- São Paulo-SP (3,48%)
- Bonito-MS (2,61%)
- Campinas-SP (1,74%)
- Corumbá-MS (1,74%)
- Londrina-PR (1,74%)
- Penapólis-SP (1,74%)
- Santa Cruz do Monte Castelo-PR (1,74%)
- Sude-Mmenucci-SP (1,74%)
- Outras (20%)

- Anastácio (20%)

- Região Nordeste (9,56%)

2. Se migrou, de qual região (Estado), quanto tempo?

2.1. Tempo de moradia em Anastácio

- De 20 a 30 anos (26,9%)

- De 30 a 40 anos (20,8%)

- Até 10 anos (14,7%)

- De 10 a 20 anos (12,1%)

²⁶ As respostas apresentadas aqui estão organizadas de acordo com a quantidade de vezes que foram citadas durante as entrevistas.

- De 40 a 50 anos (3,4%)
- Acima de 50 anos (2,6%)

2.2. Local de origem da migração (por Estados)

- Mato Grosso do Sul (46,9%)
- São Paulo (14,7%)
- Paraná (7,8%)
- Pernambuco (7,8%)
- Ceará (1,7%)
- Santa Catarina (0,8%)
- Anastácio (20%)

2ª parte: Sobre o migrante nordestino

1. Em Anastácio, conseguiu se adaptar facilmente?

- Sim (91%)
- Não (9%)

1.1. Por quê?

- Era pequeno/crianças quando migraram (36,6%)
- Moravam em fazendas (18,1%)
- Outro (36,3%)
- Sem resposta (9,1%)

2. Foi bem aceito?

- Sim (100%)

2.1. Por quê?

- O povo anastaciano é hospitaleiro (54,5%)
- A família foi bem aceita (18,1%)
- Outro (18,1%)

3. Você gosta de Anastácio?

- Sim (100%)

3.1. Por quê?

- Pela tranquilidade do local (27,2%)
- População amistosa (18,1%)
- Boas pessoas (18,1%)
- Por ser uma cidade pequena, com ambiente nordestino (18,1%)
- Outro (27,2%)

4. Sendo um migrante de outra localidade, consegue identificar características da sua região de origem em Anastácio?

- Sim (81,8%)
- Não (18,1%)

4.1. Quais?

- Gastronomia (comidas) (27,2%)
- Tradições e brincadeiras (18,1%)
- Semelhanças com o povo nordestino (18,1%)
- Outro (18,1%)
- Sem resposta (18,1%)

5. Você mantém algum hábito da sua região?

- Sim (72,7%)
- Não (27,2%)

5.1. Quais?

- Gastronomia (comidas) (54,5%)
- Sem resposta (27,2%)
- Outro (18,1%)

6. Onde mora em Anastácio?

- Jardim Campanário (36,3%)
- Centro (27,2%)
- Bairro João de Barro (18,1%)
- Conjunto Habitacional Arapongas (18,1%)

6.1. Há nordestinos morando no mesmo local?

- Sim (72,7%)
- Não (27,2%)

7. Conhece a Festa da Farinha de Anastácio?

- Sim (91%)
- Não (9%)

7.1. Você vai na Festa da Farinha de Anastácio?

- Sim (91%)
- Sem resposta (9%)

7.2. Quantas vezes já foi na Festa da Farinha de Anastácio?

- Quatro (36,3%)
- Três (18,1%)
- Duas (18,1%)
- Uma (18,1%)
- Sem resposta (9,1%)

8. Na sua opinião, a Festa da Farinha de Anastácio representa características da região Nordeste?

- Sim (91%)
- Sem resposta (9%)

8.1. Quais?

- Gastronomia (comidas) (42,1%)
- Atrações (26,3%)

- Cultura (15,7%)
- Músicas (15,7%)

9. Você considera a Festa da Farinha de Anastácio como sendo uma representação de Anastácio?

- Sim (72,7%)
- Não (27,2%)

9.1. Por quê?

a) Sim

- Há muitos nordestinos em Anastácio (27,2%)
- Expressa a cultura nordestina (27,2%)
- Os nordestinos que inventaram a festa (9,1%)
- O povo parece nordestino (9,1%)
- Está no calendário estadual (9,1%)

b) Não

- Representa mais a colônia nordestina do que Anastácio (9,1%)

3ª parte: Sobre o anastaciano ou migrante de outra região ou país

1. Sabe da existência de migrantes nordestinos em Anastácio?

- Sim (81,7%)
- Não (8,6%)

1.1. Qual a sua opinião sobre eles?

- Pessoas boas (42,8%)
- Pessoas trabalhadoras (18,4%)
- Pessoas de caráter/guerreiros (8,4%)
- Pessoas normais (5,1%)
- Importantes para a cidade (3,3%)
- Não apresenta nenhuma opinião contrária a presença dos nordestinos na cidade (1,6%)
- Pessoas estranhas/ignorantes (1,6%)

- Pessoas “brabas” (1,6%)
- Outros (5%)
- Sem resposta (10,9%)

2. Conhece algum hábito da cultura nordestina?

- Sim (88,4%)
- Não (11,5%)

2.1. Quais?

- Gastronomia (comidas) (50%)
- Música (14,6%)
- Danças (10,6%)
- Festas (4,6%)
- Jeito de falar (3,3%)
- Outros (3,3%)
- Festa da Farinha de Anastácio (2,6%)
- Tradições (2,6%)
- Sem resposta (7,3%)

3. Pratica algum deles?

- Sim (71,1%)
- Não (28,8%)

3.1. Quais?

- Gastronomia (comidas) (60,3%)
- Músicas (4,5%)
- Danças (2,7%)
- Festas (1,8%)
- Festa da Farinha de Anastácio (1,8%)
- Outro (2,7%)

- Sem resposta (26,1%)

4. Identifica os hábitos da cultura nordestina em Anastácio?

- Sim (81,7%)

- Não (18,2%)

4.1. De que forma?

- Modo de falar (30,7%)

- Festa da Farinha de Anastácio (11%)

- Gastronomia (10,2%)

- Nas pessoas (5,5%)

- Modo de vestir (4,7%)

- Festas (3,9%)

- Modo de viver (3,1%)

- Danças (2,3%)

- Modo de agir e ser (2,3%)

- Músicas (1,5%)

- Forma de trabalho (1,5%)

- Cultura (1,5%)

- Tradição (1,5%)

- Outro (6,2%)

- Sem resposta (13,3%)

5. Onde você mora em Anastácio?

- Conjunto Habitacional Arapongas (23,1%)

- Jardim Campanário (20,9%)

- Centro (8,6%)

- Jardim Progresso (5,7%)

- Conjunto Habitacional Novo Horizonte (5,7%)

- Jardim Solar (3,8%)
- Vila Santa Maria (3,8%)
- Vila Mariana (2,8%)
- Jardim Tarumã (2,8%)
- Che Rogami (2,8%)
- Vila Maior (2,8%)
- Vila Flor (1,9%)
- Bairro João de Barro (1,9%)
- Vila Umbelina (1,9%)
- Outro (9,6%)

5.1. Há nordestinos morando no mesmo local?

- Sim (100%)

6. Conhece a Festa da Farinha de Anastácio?

- Sim (100%)

6.1. Você vai a Festa da Farinha?

- Sim (86,5%)
- Não (13,4%)

6.2. Quantas vezes você já foi?

- Quatro (36,5%)
- Duas (21,1%)
- Uma (17,3%)
- Três (11,5%)
- Sem resposta (13,4%)

7. Na sua opinião, a Festa da Farinha representa as características do Nordeste?

- Sim (95,1%)
- Não (3,8%)

- Sem resposta (0,9%)

7.1. Quais?

- Gastronomia (comidas) (49,6%)

- Apresentações (16,5%)

- Músicas (11,6%)

- Literatura de cordel (5,5%)

- Tradição (3,6%)

- Representação cultural/cultura (3%)

- Vestimentas (1,2%)

- Toda a festa é nordestina (1,2%)

- Outro (3%)

- Sem resposta (4,2%)

8. Você considera a Festa da Farinha como sendo uma representação de Anastácio?

- Sim (82,6%)

- Não (16,3%)

- Sem resposta (0,9%)

8.1. Por quê?

a) Sim

- Há muitos nordestinos em Anastácio (52,3%)

- Representa as características do povo nordestino que mora em Anastácio (10,4%)

- É a principal festa do município (6,9%)

- Depende do prefeito municipal (5,8%)

- Faz propaganda do município (3,4%)

- Tornou-se uma representação com o passar dos anos (2,3%)

- Devido a gastronomia do evento (2,3%)

- Representa a história dos nordestinos no município (2,3%)

b) Não

- Representa apenas os nordestinos, e não Anastácio (25%)
- O município é mais pantaneiro (20%)
- Há várias outras culturas em Anastácio (10%)
- Outro (20%)
- Sem resposta (25%)

2. Informações contextuais dos entrevistados (características da população pesquisada)

a) Sobre o migrante nordestino

1. Gênero:

- Feminino (54,5%)
- Masculino (45,4%)

2. Faixa etária

- de 41 a 51 anos (54,5%)
- de 56 a 75 anos (36,3%)
- de 26 a 40 anos (9,1%)

3. Estado civil

- Casado (72,7%)
- Solteiro (18,1%)
- Viúvo (9,1%)

4. Escolaridade

- Nenhuma (45,4%)
- Ensino fundamental completo (36,3%)
- Ensino médio completo (9,1%)
- Pós-graduação completa (9,1%)

5. Renda familiar

- de 01 a 03 salários mínimos (63,6%)
- Sem renda (27,2%)
- Acima de 07 salários mínimos (9,1%)

b) Sobre o anastaciano ou migrante de outra região ou país

1. Gênero

- Feminino (63,4%)
- Masculino (36,5%)

2. Faixa etária

- de 26 a 40 anos (38,4%)
- de 41 a 55 anos (31,7%)
- de 20 a 25 anos (20,2%)
- de 56 a 75 anos (4,8%)

3. Estado civil

- Casado (60,5%)
- Solteiro (30,7%)
- Outro (5,7%)
- Viúvo (2,8%)

4. Escolaridade

- Ensino médio completo (36,5%)
- Ensino superior completo (19,2%)
- Ensino fundamental completo (16,3%)
- Pós-graduação completa (15,3%)
- Nenhuma (10,5%)

5. Renda familiar

- de 01 a 03 salários mínimos (50%)
- de 03 a 05 salários mínimos (19,2%)
- Sem renda (17,3%)
- Menos de 01 salário mínimo (8,6%)
- de 05 a 07 salários mínimos (1,9%)
- Acima de 07 salários mínimos (1,9%)

APÊNDICE 06. Entrevistas com os migrantes nordestinos ou descendentes diretos

No mês de maio de 2010 foram realizadas entrevistas com os migrantes nordestinos e descendentes diretos dos mesmos, de cunho qualitativo, para ilustrar o “lado do migrante nordestino” em Anastácio. Os migrantes e descendentes entrevistados foram escolhidos durante as entrevistas quantitativas realizadas no mês de dezembro de 2009 na cidade, quando foram identificados aqueles que eram migrantes e os descendentes. Com relação aos descendentes entrevistados, a preferência de escolha foi voltada para aqueles que cresceram em contato com algum migrante (em geral, algum familiar), pois estes estavam em contato direto com a presença nordestina em Anastácio.

As entrevistas foram pré-agendadas, realizadas nas residências dos entrevistados, com o uso de gravador, orientada pelo tópico guia (previamente formulado), atendendo algumas exigências:

- Com relação ao entrevistado:
 - Ser migrante ou descendente próximo dos nordestinos;
 - Ter participado da pesquisa quantitativa.

- Com relação à temática (entrevistador):
 - Estar focada na história dos migrantes nordestinos e dos descendentes (o movimento de migração, os traços que mantém em Anastácio, as manifestações nordestinas que observa na localidade, etc.);
 - Considerar as reações do entrevistado (emocionais e sentimentais);
 - Certificar-se de que os entrevistados compreendam a temática das perguntas e da entrevista;

TÓPICO GUIA

1. Qual a primeira coisa que pensa quando alguém fala do Nordeste?
2. Sabe qual a razão que levou a migração? E por que para o Mato Grosso do Sul?
3. Para você, como vê a migração nordestina para Anastácio? Por que acha que escolheram o município para se estabelecer?
4. Conhece a região onde iniciou a migração? Tem vontade de voltar?
5. Você recebeu alguma influência nordestina? Se sim, as mantém? Por quê?
6. Passa essa influência à diante? De que forma?
7. Você identifica alguma característica nordestina em Anastácio? Quais?
8. De que forma acha que os hábitos culturais influenciaram a cidade de Anastácio?

9. Acredita que a cultura de Anastácio influência (ou influenciou) os nordestinos? De que forma?
10. Sobre a Festa da Farinha, considera um evento que representa a cultura nordestina? Por quê?
11. Participa do Centro de Tradições Nordestinas – CTN? Qual a sua opinião sobre o CTN? O CTN representa a cultura nordestina presente em Anastácio?
12. Acredita que as características nordestinas em Anastácio conseguirão se sustentar por mais tempo? Por que e de que forma?
13. A presença nordestina em Anastácio é expressiva (fortes, permanentes)? Ou essa presença cultural merece mais atenção?
14. De que forma acredita que a cidade (a população e/ou o poder público) pode preservar os hábitos e características culturais nordestinas?
15. Conte alguma história ou passagem sobre a migração da sua família durante o percurso ou quando chegaram a Anastácio.

SÍNTESE DAS RESPOSTAS TRANSCRITAS

1. Qual a primeira coisa que pensa quando alguém fala do Nordeste?

Os entrevistados recordam-se principalmente das danças, relacionando-as com o forró, em especial. Outra característica citada é o modo de falar típico do nordestino, um falar “arrastado”, com um sotaque que mesmo depois de anos em Anastácio, continua forte. Também citam a vida que levavam na localidade de origem, o modo de vida tranquilo, com seus empregos e conhecidos.

2. Sabe qual a razão que levou a migração? E por que para o Mato Grosso do Sul?

A principal motivação que levou os migrantes a deixarem a região Nordeste foram as questões financeiras, de alguma forma. Os entrevistados afirmaram que a “vida sofrida” que os familiares levavam no sertão foi a principal razão pela qual os patriarcas decidiram migrar para Anastácio. A família também está relacionada com a motivação da migração e da escolha do Mato Grosso do Sul, uma vez que muitos dos migrantes já tinham familiares (ou conhecidos) residindo na região de Anastácio. Algumas famílias foram as responsáveis pelo estabelecimento de alguns migrantes em Anastácio, pois, a princípio, a intenção não era se estabelecer na cidade, mas sim, apenas visitar os familiares que já haviam migrado.

3. Para você, como vê a migração nordestina para Anastácio?

Há unanimidade quando se trata da observação da migração nordestina para Anastácio, pois todos os entrevistados afirmaram que a migração foi boa para quem deixou o Nordeste, pois ao chegar a Anastácio, os nordestinos (que saíram do Agreste Pernambucano, principalmente) encontraram uma espécie de “paraíso” (por terem melhores condições de vida, melhores condições para criar os filhos).

4. Conhece (ou recorda) a região onde iniciou a migração? Tem vontade de voltar?

Os descendentes não conhecem a região de onde os seus antepassados migraram, mas ouviram muitas histórias sobre Pernambuco e das cidades de onde vieram os migrantes, e apresentam ter vontade de conhecer a localidade no Nordeste. Já aqueles que migraram, não tem vontade de voltar, pois vivenciaram as condições de vida precária, a seca e, por isso, acreditam que estão melhores em Anastácio, sem ter vontade de voltar. Os migrantes do Estado de Alagoas, já voltaram para a região de onde saíram, mas apenas para visitar e também não possuem o desejo de voltar para se estabelecer em Alagoas, pois aprenderam a gostar de Anastácio.

5. Você recebeu alguma influência nordestina? Se sim, as mantém? Passa essa influência à diante? De que forma?

Todos os entrevistados afirmaram que possuem as influências nordestinas até os dias atuais, principalmente através dos hábitos alimentares, mantidos no seu dia-a-dia. A cultura também é presente entre essas influências, pois os entrevistados citam também a literatura de cordel, a tradição do repente, o artesanato como as influências que receberam e que as passam a diante para seus amigos e filhos, por meio de conversas e do dia-a-dia (hábitos alimentares, escutando o repente, contando sobre a tradição do repente, entre outros).

6. Você identifica alguma característica nordestina em Anastácio? Quais?

A maior parte dos entrevistados consegue observar alguma característica nordestina em Anastácio, uma vez que foi possível encontrar na localidade um “ambiente nordestino” citado durante as entrevistas. As principais características observadas estão presentes nas pessoas, pois foram observados os modos de falar e de vestir, típico do Nordeste (o modo de vestir está relacionado com o clima de ambas as regiões, pois o calor é uma característica climática semelhante entre Anastácio e o Nordeste). Outra semelhança que é observada pelos migrantes está presente na Feira de Caruaru e a Festa da Farinha de Anastácio, por apresentarem as mesmas características, no entanto, sempre são citados que a Feira de Caruaru acontece todos os dias da semana e é maior que a festa anastaciana.

7. De que forma acha que os hábitos culturais influenciaram a cidade de Anastácio?

O modo de vida que os nordestinos estabeleceram em Anastácio é citado como uma das principais formas de influência na cidade, porque, apesar de as condições de vida em Anastácio serem melhores do que as que tinham no Nordeste, os nordestinos ao chegarem na

localidade mantiveram grande parte dos seus modos de vida (morar sempre próximo a família, plantio de subsistência), que foram absorvidos pela população autóctone.

8. Acredita que a cultura de Anastácio influência (ou influenciou) os nordestinos? De que forma?

Entre os entrevistados há uma divisão quanto a essa perspectiva de influências. De um lado, aqueles que acreditam que a cultura anastaciana não influenciou os migrantes nordestinos que se estabeleceram na localidade (pois observam isso dentro de suas famílias, afirmando que nada mudou nos hábitos e modo de vida). De outro, aqueles que acreditam que os nordestinos adquiriram hábitos culturais de Anastácio (o tereré – típico na região –, as músicas sertanejas), mas mantendo os hábitos culturais nordestinos, fazendo uma miscelânea entre as duas culturas.

9. Sobre a Festa da Farinha, considera um evento que representa a cultura nordestina? Por quê?

Os entrevistados afirmam que a Festa da Farinha de Anastácio trata-se da maior manifestação da cultura nordestina presente na localidade, pois nela é possível observar diversas características culturais nordestinas, como a gastronomia, o repente, as músicas, as atrações, a estrutura de uma feira (sempre associada e comparada a Feira de Caruaru).

10. Participa do Centro de Tradições Nordestinas – CTN? Qual a sua opinião sobre o CTN? O CTN representa a cultura nordestina presente em Anastácio?

Dentre os entrevistados, a maior parte participa de alguma forma do Centro de Tradições Nordestinas (como sócio, sócio-fundador, membro da presidência) e, aqueles que não participam, afirmam conhecer a proposta do CTN. Todos acreditam que a proposta atual do CTN irá preservar ainda mais a cultura nordestina presente em Anastácio, por se tratar de uma organização entre os nordestinos que irá promover a união entre o povo nordestino que reside na localidade, e que também representa a cultura nordestina anastaciana, pois é uma forma de divulgação de todos os migrantes nordestinos.

11. Acredita que as características nordestinas em Anastácio conseguirão se sustentar por mais tempo? Por que e de que forma?

Com relação à sobrevivência da cultura nordestina em Anastácio os entrevistados acreditam que ela se manterá. Entretanto, alguns afirmam que a cultura é forte e não necessita de atenção para se manter e fazer permanente; já outros, acreditam que a cultura nordestina apesar de presente e expressiva, ainda está vulnerável e que necessita de mais atenção, porque o reconhecimento da mesma na localidade trata-se de um acontecimento recente.

12. De que forma acredita que a cidade (a população e/ou o poder público) pode preservar os hábitos e características culturais nordestinas?

Entre as respostas dos entrevistados, o Centro de Tradições Nordestinas aparece como a principal forma de preservação dos hábitos e características nordestinas, por se tratar de uma organização promovida pelo poder público (prefeitura) e por contar a participação de muitos membros da sociedade (população local).

13. Conte alguma história ou passagem sobre a migração da sua família durante o percurso ou quando chegaram a Anastácio.

Entre as histórias contadas pelos entrevistados, a lembrança da vida que tinham no Nordeste é uma das mais recorrentes. Tanto pelo modo de vida “sofrido” que levavam na região onde residiam: tanto pelos aspectos negativos – maioria migrantes de Pernambuco – seca, fome, miséria, pobreza, dificuldade de trabalho e sobrevivência –; quanto pelos positivos – maioria migrantes de Alagoas – o emprego que tinham no Nordeste, a vida boa que levavam, os vizinhos. Outras histórias que foram citadas estão relacionadas ao Tenente Valério e sua família; o Tenente por ser responsável pela migração de muitos nordestinos para Anastácio, e sua família por prestar “assistência” aos nordestinos que chegavam à localidade, através de apoio e amizade.

REFERENCIAS (APÊNDICES)

CABRAL, S. et al. **Anastácio 38 anos**. Campo Grande, MS: Gráfica e Editora Alvorada, 2003.

ROBBA, C. **Anastácio: ontem e hoje**. Aquidauana, MS: S. I., 2006.

SCHLÜTER, R. G. Gastronomia e Turismo. São Paulo: Aleph, 2003.

VALÉRIO, C. **Breve história de Anastácio: A Margem Esquerda**. Campo Grande, MS: Gráfica e Editora Alvorada, 2002.